

No. 11. me. Serri. D. Santos
Aracaju al.

B. Grande 49

PAPILLON BLEU

ACCORDES

ORMA
869.91
B646a

(P O E S I A S)

PREFACIO

DE

M. Bethencourt

ALFONSE EDITION

Typ. Fougère 305

1899

Papillon Bleu



BAM
869.91
B a

REGISTRO CATORIAL
Seção Letras Raras
Nº 179
Data 10/12/73

DRMA
869.91
BLE
ACC

ACCORDES



PREFACIO
DE
M. DE BETHENCOURT

350

Maranhão

—Typ. a vapor da Alfaiataria Teixeira—
1899

A minha querida amiga C. C. de Oliveira

SOBRE

OS

→ ACCORDES ←

No tempo em que me entregava com delicias á leitura de cousas de arte, percorrendo umas biographias de musicos celebres, encontrei n'uma d'ellas a narrativa de um facto que me prendeu a attenção, tanto que me ficou gravado na memoria. Hoje, mais de vinte annos depois recordo-o, mas falta á recordação o nome do protagonista da narração; apenas sei que era um dos mestres da musica allemã, mas qual fosse, ignoro-o eu.

Tinha o maestro escripto uma opera e como ó de vèr, versava ella sobre o eterno thema do amor, esse que ha milhares de annos serve de motivo á arte, sempre o mesmo e sempre inexgotavel como a vida de que é a mais alta manifestação. Estava prompto o spartito, trabalhado magistralmente, com essa sciencia da phrase musical que só os allemães possuem em subido grãu, com esse conhecimento inteiro da harmonia que busca os grandes affectos de uma orchestração completa. Uma cousa, porém, faltava: era a protophonia, o poema musical do começo que resumisse em si a opera, que lhe fosse o portico esthetico.

O artista vacilava: a sua opera era a pintura de um amor suave e puro como o riso de uma creança, forte e másculo como as proesas de um paladino medievo; como achar a expressão inteira do seu pensamento, de forma a palpar debaixo das notas da protophonia a alma da sua obra? Passaram-se dias e nada lhe surgia á altura da concepção artistica, varias tentativas suas falharam. Tomou então, como quem recorre a meios extremos, uma suprema resolução: elle que costumava dormir até tarde, que só se recordava haver na infancia visto nascer o sol, decidiu assistir a uma aurora, ir procurar nas primeiras horas da manhã um bafejo de inspiração.

Assim fez. Estava-se em Agosto, em pleno verão n'aquellas terras da Allemanha, o Rheno corria cheio das aguas engrossadas pelo derretimento dos gelos alpinos, arvores entre as folhas ostentavam os fructos sazonados, os salgueiros mergulhavam na corrente do rio, enquanto

lá em cima, no alto dos penhascos, se erguiam as muralhas de castellos derrocados, a morder o céu com os dentes negros das suas ameias escuras. O maestro erguera-se hém cedo e junto á margem, assentado n'um rochedo, aguardava a vinda do Sol.

O oriente começou a empallidecer, o brilho das estrellas desmaiou, um vento brando como uma carícia agitou sussurrando a folhagem, encrespando a agua do rio que luzia como larga lamina de espada em que se reflectiam indistinctos os arvoredos da margem. Lentamente o azul se foi colorindo de rosas, enrubecendo, emquanto o zenith tomava uns tons esverdeado-claros, véo de gaze verde-desmaiado a cobrir a face azul do céu. Ao roseo succedeu o alaranjado a fimbriar umas nuvens baixas no horizonte.

Subito, como flecha cortando os ares, um raio de luz purpura illuminou o alto. O vento soprou mais forte, as arvores sacudiram as folhas, passaros começaram a cantar, doirou-se o castello no alto com o beijo da luz e na curva do rio um batel de vela branca enfunada assomou, ouvindo-se as vozes dos barqueiros a entoar uma velha ballada. Tudo acordava: n'um casal proximo ponibos resoavam, cortando os ares com as pennas finas das suas azas brancas, alguns poisavam no beiral do telhado arrulhando, emquanto outros, os selvagens moradores das ruinas, adejavam lá em cima, a brilhar-lhes na luz o cinzento da plumagem. Era um chilreado alegre de passarinhos a que se misturava a voz domestica dos gallos, atirando as suas notas duras, mas frescas.

O sol desenhou o disco de oiro no nascente, n'um esplendor a ferir com deslumbramentos a retina humana. Por uma vereda á beira rio uma joven aldeã caminhava silenciosa, o sol tornava ainda mais de oiro o seu cabello doirado, mais de rosas o rosado das suas faces. Seguia-a um homem que parecia fallar-lhe, alto, robusto, trajando com elegancia um uniforme, com o passo firme e cadenciado do militar, com aquelle todo grave de quem conhece das marchas onde se caminha para a victoria ou para a derrota, para a gloria ou para a morte.

A aldeã parou e voltou-se; algumas palavras se trocaram, o soldado depoz tinido um beijo na fronte da joven que curvou lentamente a cabeça. Apartaram-se, elle com o ar victorioso de quem regressa de um triumpho, ella enrubecida, mas com a alegria a rir-lhe nos labios, um céu de esperanças a fulgurar-lhe nos olhos azues.

Estava prompta a protophonia da opera.

Aquella manhã toda amor, aquelle sol poderoso a animar a vida na terra, aquellas aves a gorgear, o arrullo dos pombos e o colloquio suave dos dois jovens—tudo aquillo que era a manhã e a vida seria interpretado pelo artista. A inspiração viera e quando elle regressou a casa já levava na mente a protophonia, o canto de amor que tanto procurara, que toda a sua sciencia fora impotente para lhe dar, mas que elle recebera no osculo de luz d'aquella manhã.

Um pouco á maneira do maestro allemão senti-me embaraçado para escrever estas linhas que precedem o livro de **Papillon Bleu**; não que aspirasse eu a escrever uma protophonia da sua obra, onde se lhe encerrasse tudo o que tem de delicadezas femeninas e de vigor de imagens e colorido, que a tanto não aspirei eu, mas em que pelo menos houvesse um reflexo do que n'ella existe.

Longos dias levei a pensar, receioso de cahir em trivialidades, n'essas bagatellas tão communs em prefacios, moeda vulgar de que tanta gente faz uso. Por fim tomei a resolução de rere os versos, de pedir-lhes a uma nova leitura o espirito do que devera escrever. Achei então a minha manhã, ante os versos que se desenrolavam diante de mim acordou-me o pensamento, as idéas que aqui vão.

Uma superfluidade dizer que os versos de **Papillon Bleu** são de uma senhora: a sua simplés leitura indica-o, como o patenteia tambem uma certa reserva na expressão dos sentimentos, das emoções, reserva que só á mulher cabe, porque, na sociedade como hoje é feita, o homem possui a inteira liberdade do seu sentir, pode analysar as suas sensações, pintal-as ao vivo, liberdade, analyse e pintura que o convencionalismo dos costumes, um certo *cant* moral, interdiz á mulher. Decorre d'aqui que, em escriptos femeninos, sempre que ha sentimentos a exprimir, nota-se na phrase um como que de constrangimento: é o pudor que falla respeitando a convenção e esta em parte sacrifica a expressão, tira-lhe o tom accentuado que a verdade sempre tem, razão pela qual em versos de senhoras o lyrismo não toca ao completo do subjectivismo emocional, refugiando-se o mais das vezes no objectivismo das imagens e descripções. Isto nota-o quem ler os versos da auctora d'este livro: é na poesia objectiva que consegue realisar o seu ideal esthetico. Tambem, força é confessal-o, possui ella um completo sentimento das bellezas da natureza: as paisagens que pinta são sentidas, vê-se que se delicia com o que ha n'ellas de bello. Flôres, borboletas, tudo o que é a côr e a luz tem o dom de impressional-a, de fazer-lhe vibrar o temperamento de artista. Não é alguém que descreva friamente, só pelo prazer de descrever, mas pessoa que espaairece o seu sentir sobre os objectos que lhe despertam a attenção. Em meio da descripção succede-lhe por vezes deixar escapar um grito do coração: são as explosões do sentir, nuicas que se permite.

Ha indecisões na technica artistica de **Papillon Bleu**, o seu verso, embora correcto, nem sempre corre igual. Desculpavel e muito, que só uma longa pratica dos metros e conhecimentos da melodia na successão das vogaes, pode libertar o poeta d'esta imperfeição. Se a mestre do verso se encontram falhas d'essas, não admira as deparemos nos versos de uma senhora joven em cujos poucos annos não é possível uma cultura artistica completa. Já é muito o que **Papillon Bleu** realisa ser

poetisa n'este meio prosaico em que vivemos. Já é muito que uma senhora entre nós faça excellentes versos e os publique, lamentando eu apenas que use do pseudonymo, pois preferira que os firmasse com o seu nome, visto que fôra por demais exigente a critica que se lembrasse de andar-lhes esmiuçando defeitos, sem lhes reparar nas bellezas. Compreendo, porém, o sentimento que lhe dicta essa reserva e respeito-o, com quanto não o approve. **Papillon Bleu** que desculpe esta minha franqueza, nem eu sei fallar que não seja d'esta maneira.

Não cabe aqui analysar os versos da gentil auctora d'este livro; nem destacar d'entre elles os que encerrarem maiores bellezas: isso fica a escolha do leitor, unica que se deve respeitar. Ha sempre muito elemento subjectivo n'aquillo que se escolhe: em geral nós julgamos mais bello aquillo que nos agrada, e nem sempre o nosso juizo é verdadeiro. Entre os versos de **Papillon Bleu** ha muitos que me aprezem, mas d'ahi a affirmar que sejam os melhores, vai uma grande distancia. São os melhores para mim, mas eu não posso asseverar que o sejam para os outros, uma vez que por idiosyncrasia, ou por differença de temperamento, o que me agradar ser possível não agradar a outros.

Já um pouco longo o que precede e eu não quero abusar do logar de honra que a gentileza fidalga de **Papillon Bleu** me abriu nas primeiras paginas do seu livro. Occupei-o bastante tempo e devo retirar-me: Antes, porém, de fazel-o sejam-me permittidos dois comprimentos:—um á auctora a quem saúdo, outro ao publico a quem a apresento, recommendando-a, recommendação que pouco vale, se se attender á minha pessoa, que vale muito, se se attender á da minha recommendada. E' uma joven de talento, que estrêa com um livro de bons versos que, fio do publico, terão o acolhimento de que são dignos.

Se são á scóradas as linhas que precedem, é que não me sinto igual ao maestro allemão: se foi luminosa a manhã que invoquei, não tive inspiração á altura de sua claridade.

S. Luiz—14 de Junho de 1898.

Manoel de Béthencourt.



Convite

MINHA MUZA

Vamos deixar, querida, o solo ingrato
Onde torpé jámais medra a afeição,
E envolta nos gelos da descrença
Murcha-se a fé e perde-se a razão.

Partamos pois: e vamos mar a fóra,
No volátil hatel da phantasia,
Abrigar-nos no collo das chimeras
Onde a vida é um sonho de poesia.

Então, tu reclinada em meus joelhos,
Dormirás o somno lèdo da bonança,
Emquanto sobre a arena crystallina
Eu guio o barco aos portos da esperança.

E singrando afoutamente as lisas vagas
Dos mares encantados da illusão,
Demandarei as ondas còr da aurora
Ao impulso da tenue viração...

Que eu, serei o pilóto infatigavel,
Da alada embarcação feita de flóres,
Cujos remos—as laminas do affecto
Cujas velas—as azas dos amores !...

E debaixo do tecto azul auriféro,
Ao vai-vem dessa agua fugidia,
Despresando da terra o falso engano,
Encontraremos eleita moradia.

Mas, quando lá no occaso o sol poente,
Reclinar-se—Sultão—no seu coxim,
Sobre as algas marinhas que balouçam,
Um asylo buscarei a ti e a mim...

Ahi, sob um docel de ramarias,
 Na estação divinal da primavera,
 Como a ave, eu farei o doce ninho
 Junto aos troncos occultos pela héra.

Emquanto nós velamos, grato enleio,
 Sorrirás á phalena que se agita...
 E eu te mostrarei a linda estrella
 Que mais luzir na aboboda infinita.

Nessas horas... meu Deus !... quantos segredos,
 De dulcissimas e puras melodias
 Fugiram de tu'alma ao labio ardente
 Me inebriando o scio de alegrias !

E assim percorrendo em calmo idyllo
 Essa estrada volante e caprichosa,
 Me enfeitarás a lyra—emquanto bebo
 A verve de tua bocca perfumosa...

Dormiremos aos sons dos sustentidos
 Entoados por vozes magistraes,
 Nesse abrigo de magicos fulgores,
 Onde vagueiam anjos sideraes.

e quando venha em riso a madrugada
 Sobre nós estender seus castos véus...
 Já gárrula, maviosa philoméla,
 Tu terás entoado um hymno a Deus.

Eu irei dos sarcaes entre as verduras
 A procura de rosas e violetas,
 Pra entertecer com folhas aromaticas,
 Para enfeitar as tuas tranças pretas.

E assim, em meigos brincos destrahida,
 Nossa existencia—leito da harmonia—,
 Será eterno bemol: posto na clave
 Da suprema canção:—AVE MARIA—

Phazes

I

Esplendida alvorada: os passarinhos
Em melliflucos cantares soltão vôos
 Nas plagas d'amplidão;
N'um sorriso, a natura já desperta,
Nas azas d'alegria hymnos entôa
 Ao Deus da criação.

II

Vestindô p'pala e ouro, pelo espaço
Assomma radiante a loura tarde!
 Eu cantos festivaes;
As mariposas, sacudindo o ociô,
Deixam o ninho onde escondeu-as Flora
 —As folhas dos rosaes.—

III

Noite formosa: alem, no firmamento
Reflecte sob o azul a lua altiva
 O brilho em esplendor;
Na terra—a flôr ovola-se em perfumes;
No mar—descança a onda fugidia;
 No peito— a corda Amor !

O Natal de Carolina

Perguntava Sensitiva
A's outras flôres da veiga:
—Amigas, sabeis accaso
Porque a aurora está meiga ?

Porque trinão avesitas
Toadas tão maviosas ?
Porque as auras que los beijão
Mostrão-se tão carinlosas ?...

Porque ao cahir da orvalhada
Cantou tanto o rouxinol ?...
E das irisadas nuvens
Şurgio mais soberbo o sol ?

Porque o céu resplandece
Com mil scentelhas delumes ?
Porque do manto da flôr
Nos vêm tão gratos perfumes ?

Porque ?... diz Lilaz sorrindo,
Ha nas alturas festim;
Ou dá banquete algum astro,
Responde de alem Jasmin.

Ora... disse Magnolia,
Que em aromas se exhalu:
Foi uma nuvem do norte
Que outra do sul visitou !

Não, intervem Madresilva
Que, recostada á balseira,
Ouvia a historia contada
Pela sua companheira:

O caso é bem diferente,
A briza contou-me assim:
«A festa é dentro do espaço,
«Baptisa-se um cherubim.»

Do lado, enrolada a sebe,
Disse Primavera—flôr:—
São os anjos que festejão
O throno do Creador.

Historias... volve Açucepa,
O sol pedio uma estrelja...
E é por esse motivo
Que a natureza está bella !

Isso não, torna Camelia:
Uma phalena passou,
E contou-me que uma fada
C'um serafim se casou.

Não, bradou Lyrio apressado,
Um numem disse-me agora—
Que foi um diamante alado
Que c'roou Nossa Senhora !

Engano, diz Violeta,
Occultada nas verduras:
Deus canta um hymno de graças
Em favor das creaturas !

São contos, grita Junquilha,
Que a face pende no lago:
A folgança é cá na terra,
Ha pouco me disse um mago.

E começa a voseria,
Cada qual quer ter razão:
A contenda principia,
E' extrema a confusão !...

Todas murmuram em côro,
O tumulto vai crescendo;
Do campo, Acacia e Bonina
Já se aproximam, correndo.

Então Rosa se levanta,
Erguendo a fronte altancira,
E rainha magestosa
Começa d'esta maneira:

—Silencio! imponho silencio!.
 Empunho o scéptro real!...
 Vou usar dos meus direitos,
 Sou Soberana do val!...

Venho inquerir-vos, ouvi,
 Prestai-me muita attenção,
 Cada flôr pelos successos
 Apresente a opinião...—

Então redobra o delyrio,
 Ao auge toca o prazer:
 Cada uma por sua parte
 Quer a questão résoudre.

E n'um sublime alvoroço,
 N'um grato exhalar de odores,
 Vai Rosa apurar os votos
 Dessa assembléa de flôres...

Mas... apontando á Esphéra,
 Sensitiva, peregrina,
 Mostra escripto em letras d'ouro:
 —Hosannahs a CAROLINA!—

Tres annos

---A' EITER DE SOUZA---

Tres primaveras ! que encanto !...
Na vida desabrochada;
Tres prismas de varias côres,
Colorindo uma alvorada !

Tres iris, tres alianças,
Tres promessas do Senhor;
Tres doces gottas de orvalho
No collo da mesma flôr !

Tres estrellas lusídias,
Fulgindo pela amplidão;
Tres rouxínoes pequeninos
Trillando uma só canção !

São como os annos que volves
Na idade—berço de arminhos,—
No calor de muito affecto,
Terhura, amor e carinhos.

Neny

Manhã de estic:—céo de primavera:
Dois ternos rouxinões fabricam o ninho
 Nos galhos d'um oiti:
O rio, corre alem.—No pé da hera,
Que se deita nas sebes do caminho,
 Saltita um colibri.

Aquem fica o rochedo:—ali se avista
A extensão das campinas matizadas
 Na herva verdejante;
Ao norte, um pavilhão cor de amethysta
Repousa nas columnas cinzeladas
 De marmore alvejante.

Por detraz das janellas, primor d'arte,
Os finos cortinados balanceiam
 Ao tom da viração;
Ha lá dentro bom gosto em toda a parte
Os estofos e teteias se entremeiam
 Com rara distincção.

Os perfumes agrestes das videiras,
Casados aos das rosas de Bengala,
 Perpässam no ambiente:
E os caules de uma rubra trepadeira,
Se enroscando á saccada, entram na sala
 N'um oscillar tremente.

E Neny, essa loura creatura
Cheia de graças, bella e seductora
 Segural-os tentava;
A brisa farfalhando com ternura
D'aquella debil mão encantadora
 Os caules retirava.

E Neny destemida, caprichosa,
 Decedio de haver flôres captivas
 Bem junto ao coração;
 A luta começou e graciosa
 Da aragem que as hastes faz esquivas
 E da ligeira mão...

Porem, Neny, descobre entre as cortinas,
 Um par de namoradas borboletas,
 Brincando no pomar;
 Volúvel, ella vai vendo as traquinas
 Dos jasmims, dos junquinhos e violetas
 Os beijos disputar.

Mas... as loucas, folgando descuidadas,
 Osculavam-se alegres, sem lembrar-se
 Do mel que o lyrio tem;
 Em mutuo carinho inebriadas,
 Ellas chegão-se e tornam a afastar-se
 Em doido vai e vem !...

Contemplando-as, Neny vê que o seio
 Lhe pulsa mais febril que então pulsara
 E dil-o á mamã;
 Que, tremendo de vê-la em tanto enleio,
 Lhe recorda os brinquedos que brincara
 Ainda essa mãhã.

Pois, Neny, não é mais essa menina
 Travessa, endiabrada que volita
 Da tarde ao arrebol;
 Neny, scisma... e procura na collina
 Ver um lencinho branco que se agita
 Apoz o erguer do sol.

Já constante... uma phrase fugitiva...
 Lhe vem d'alma á tona do sorriso
 Beijar o labio em flôr;
 E agora distrahida, pensativa,
 Neny, crendo que amar é paraiso,
 Cogita só no amor.

Fugitiva

Borboleta pequenina,
De veste azul e dourada,
Porque não vens, co'alvorada
Brincar na verde campina ?

Porque da minha janella
Nos festões de trepadeira,
Tu não vens mais, handoleira,
Beijar a florinha bella ?...

Oh ! quanto sou desditosa,
Borboleta,... borboleta...
O sol, o loiro poeta,
Sorri-se ao vêr-me chorosa.

O rouxinol, já não solta
Canções sobre o meu telhadõ...
Men exílio é prolongado...
Borboleta, volta, volta...

Saudades

Affoga-se a tarde
No pélago infindo,
A noite, sorrindo,
Prepara o seu véo;
A mão soberana,
A vesper estrella,
Colloca mais bella
No manto do céo.

E a veiga exhalando
Os suaves odôres,
Que o collio das flôres
Destilla no ar,
Recebe os orvalhos
Que a aza da aragem
Lhe traz de passagem
No eterno vagar.

A loira avesinha
Pipila uma endcixa,
Na verde madcixa,
Do bosque inda em flôr:
E o som do ribeiro,
Que corre mavioso;
Imita queixoso
Suspiro de amor.

Em tudo ha belleza:
No prado, no monte,
Na reivá, na fonte,
No céo e no mar;
E ao doce concerto
Que vem da natura,
A brisa mistura
Cadente arrulhar.

Então, subtilmente,
Na alma e no seio,
Nos cresce o anseio,
Nos pára a razão;
E a voz da Saudade,
N'um grito plangente,
Echôa potente
Por toda a amplidão.

Borboletas

Ao 1.º Tenente da Armada Brasileira

---RAUL VARELLA QUADROS---

Borboletas, si insensível
Como vós pudesse eu ser,
Não sentiria em minh'alma
As negruras do soffrer...

Borboletas, quem me déra
Como vós, poder voar...
Ir em busca da ventura,
Longe da terra e do lar.

Quem me déra, ó borboletas,
Como vós, de flôr em flôr,
Tão inconstante e tão vária,
Voar de amor em amor.

Mas... que fazer borboletas,
Si nasci firme no amar ? !...
Sou infeliz, mas não posso
Meu coração libertar...

Ensinai-me, borboletas,
Da vossa signa o condão,
Consenti que vos imite
Nessa vossa ingratidão.

Deixai-me nas vossas azas
Nos espaços me librar;
Ajudai-me, ó borboletas
A volúvel me tornar.

Na floresta

Era ao cahir da tarde:

—A passarada,—

Voltava da jornada peregrina
Em busca de pousada.

Fugidos da campina,

—Acrez perfumes,—

S'ião perdendo co'a gázil aragem
Dos montes pelos cumes.

Nos folhos da ramagem

—O terno sabiá,—

Gorgeiava seu hymno de saudade
Ao grande Jehovah,

Alem, na immensidade

—A penedia,—

Repercutindo cantos dos pastores,
Ao echo respondia.

E rociando as flôres

—A orvalhada,—

Lhes deixava nos calix ressequidos
Frescores da geada.

O que tu és

---A' G. C. D'OLIVEIRA---

Tu és do meu relicario
O mais sagrado amulêto,
A estrophe melhor rimada
Do mais formoso soneto.

E's o sonho mais querido
Que o poeta acarinhou
E'a mais linda açucena
Que a mão suprema formou.

Nos risos—tens os aromas
Das magnolias divinas,
Nas fallas—brandos accordes
Dos rouxinões das campinas.

Tens nos olhos os fulgores
Dos luzentes pyrilampos
Quando em noites sem estrellas,
Esvoação pelos campos.

Tu és o santo poema
Composto só pelo amor,
E que os anjos imprimiram
Nas pet'las de cada flor.

Desperta

Um dia accordou minh'alma
Do seu delyrio primeiro,
E das brancas alvoradas
Vio o riso derradeiro;
Acorrentada a tuas graças,
Se sentio em captiveiro.

Então, debil sensitiva
Que a frente pende ao calor,
Suspirou sentindo o peito
Arfar com intenso ardor;
Embellizada em teus olhos
Se rendeu ás leis do amor.

E sonhou, como liberta,
Com as flôres da bonança,
Abrio o seio estremo
A's brisas da confiança;
Mas, em vão, já desfolhadas
Tinha as rosas da esperança.

Barcarola

E' linda a noite,
Grato o luar...
O mar nos chama,
Vamos ao mar.

Vamos nas ondas
De verde còr,
Óuvir dos peixes
Trovas de amor.

E' linda a noite,
Grato o luar...
O mar nos chama,
Vamos ao mar.

Olha as estrellas
Como invejosas
Nos lanção vistas
Tão curiosas...

E' linda a noite,
Grato o luar...
O mar nos chama
Vamos ao mar!...

Impunha os remos
Bom marinheiro,
Teu barco é agil,
Forte e veleiro.

Alteia o mastro,
A brisa é mansa,
Desfralda as velas,
Reina bonança.

Despreza o leme,
Vamos á tóa,
Sopra bom vento,
A sorte é boa.

Vamos sem rumo,
Meu pescador,
Pescar peixinhos
No mar do amor.

A mendiga

Estrebucha a ventania
Pelos estradas a fóra...
E pobre mendiga chora
A falta de alento e ninho;
Não tendo por companhia
Mais que o pranto, a solidade,
Que cercão da orphandade
O triste e negro caminho.

E lá vai... de pé descalço,
Rota veste, esfarrapada,
Estendendo a mão gelada,
A' alheia compaixão;
Uma esmola:—e ella implora—
Com voz tão meiga e suave
Que,—sentido trillo d'ave,—
Faz gemer o coração !...

Mas, a mão fica vazia,
Que a abastada riqueza
Nada tem com a pobreza
Dessa mendiga infeliz...
E ella, calcando espinhos,
Na verêda da amargura,
Se embrenha pela espessura
E nem si quer se maldiz.

Porém sobeja o cansaço,
Vede-a... não pode, oh Senhor !...
Cheia de medo e de horror,
Pede abrigo sem achar !...
Ah ! mas, prostrou-se... ella reza...
Já lhe fallece a coragem ..
Estranha a essa paragem,
Não sabe onde irá pousar !

E fitando além... no espaço,
Negros olhos rasos d'agua,
Ella supplica com magua,
Um balsamo ao soffrimento:
E pergunta á avesinha,
Que esvoáça descuidosa,
Quem cuida, tão carinhosa,
Do seu viver e sustento.

Pergunta á rosa do valle,
Pergunta á veiga e á fonte,
Pergunta á urze do monte,
Pergunta ás nuvens dos céos;
E todas, com voz canora,
Respondem-lhe com ternura:
—Da vida a grata ventura,—
—Quem a todos dá é Deus.—

Então, senta-se a creança,
Na prece fortalecida,
Sente um atomo de vida
E se sorrri tristemente:
Depois, abrindo a saccola,
Tira o pão da caridade
E devora com vontade
Os manjares da indigente.



Sempre a ti

Meu coração é um lyrio inda fechado
Que de neblinas não foi rorejado,
Na doce viração;
Inda nas pct'las tem perfumes, cantos,
N'alva corolla preciosos prantos,
A vida em embryão:
Vem tu n'um beijo lhe sorver o aroma,
Nos teus affagos resguardar-lhe a côma
Das iras do tufão.

Meu coração é um lago crystallino
Onde—o Amor—um cysne pequenino,
A' tona vem boiar;
E saccudindo a aza transparente,
Vai do meu peito no calor ardente,
As pennas enxugar;
Em terno enleva, vem com teu carinho
Nos seios d'alma preparar-lhe o ninho
Ao loiro madregar.

Meu coração é um palacio edificado
Entre os verdes olentes do vallado,
No calix d'uma flôr;
Cujos salões, sacrarios mysteriosos,
Guardão discretos paineis maravilhosos
Em graças e na côr.
Vem habital-o, teu reinado infindo
Azul e roseo de horisonte lindo,
Promette só dulçor,

Prece

Meu Deus ! p'ra que do Nada me tiraste,
E, n'este mundo insano, tão cruel,
Deixaste que, na face da descrença,
Eu provasse da tortura o negro fel ? !

Meu Deus ! Tu que és um pai tão carinhoso,
Tu que proteges o animal d'aminho,
Porque consentes que a incerteza crúa
Me aponte sempre o mais fatal caminho ?

Tu, Deus Clemente, que baixaste á terra,
Que pelos homens tanto padeceste,
Porque não sopras da minh'alma a treva,
Mostrando os brilhos de tua luz celeste ? !...

Tu que d'estrellas recamaste o espaço,
Que o sol nos déste como rei do dia,
Tu que do enfermo, levantaste a lepra,
Banha-me a sorte em ondas de alegria.

Oh ! dá-me a claridade d'um teu riso,
Lança em meu peito de tua fé os raios,
Volve-me a esp'rança que fugio, ao pezo
Dos desenganos em crueis desmaios.

Oh ! Deus Imenso, de bondade extrema,
Em Ti sómente compaixão busquei,
Pois que no mundo de vilezas tantas,
Supplanta o fraco do mais forte a lei !

A Ti me prosto, e de joelho em terra,
Olhos erguidos á sagrada Cruz—,
Te peço crença, p'ra minh'alma escura,
Fé, Esperança, Caridade e Luz !—

Plectros

Como cantam passarinhos
Por cima das ramarias,
Cantemos nós também cantos
De celestês harmonias.

Cantemos as primaveras,
O céu de azul marchetado,
Cantemos o verde prado
Engrinaldado de heras...

Cantemos a branca vella
Que tremúla sobre o mar,
Conduzindo ao seu impulso
O batel a navegar...

Cantemos da poesia
Essa veiga toda em flôr,
Onde adormece o amor
No regaço da magia.

Cantemos da fontesinha
O murmúrio compassado,
O sussurro do arvoredô
Pelas auras embalado.

Cantemos da natureza
A sublime magestade,
Dos céos a immensidade,
De Deus a infinda grandeza.

Sonhando

---A' H. G.---

Era noite e eu sonhava:
A aragem passava mansa
Pelos vergeis matisados
Pelos fios da tua trança.

Cahião doces neblinas
Nas laranjeiras em flôr,
Batia a onda na areia,
Dando suspiros de amor.

A estrella fulgia argentea
Por entre nuvens formosas,
Enquanto os prados e veigas
Se engrinaldavam de rosas...

Pelos ares, volteando,
Enxames de passarinhos
Alegremente traziam
Provisões para seus ninhos.

E tu, princeza das flôres,
Colhias nos teus jardins,
Entrelaçando em corôas
Madresilvas e jasmims.

Nas fallas tinhas meiguices,
Promessas mil no olhar,
No porte airoso e catita,
Tinhas um chic sem par.

Sonhei-te como tu eras—
Formosa, pura louçã,
Um beijo da primavera
Na corolla da manhã.

.....
.....
.....
.....

Acôrdei, inda a aragem
Sorria passando mansa,
Pelos vergeis orvalhados
Pelos fios da tua trança.

As tres irmãs

Tudo é silencio e luto. Tudo é treva !...
Nas estradas não se avista um caminhante,
Só alem, na deveza, um vulto pallidô
Com passo incerto se dirige avante...
E no marco de pedra do caminho
Vai sentar-se sombrio ali sósinho.

Subito... duas sombras se destacão
Dessa treva medonha, condemnada:
—Uma, hórrida, tão negra como o crime,
—Outra triste e em prantos orvalhada.
De jornadas oppostas vem chegando,
E já o vulto as está interpellando:

—Donde vens e quem és ?... mulher esqualida,
—Que trazes sobre a face—estygma homecitta ?
«Eu ? sou a Morte, o Anjo do exterminia,
«Que em cada beijo sorve cada vida...
«Venho do lar onde feri certa
«Os coraçõs d'uma familia inteira.»

—E tu, quem és ?... visão inconsolavel,
—Que n'um yéo negro a fronte tẽs occulta ?
«Eu ?... sou a Dôr... a irmã dos desgraçados;
«Que apoz a Morte os coraçõs enluta:
«Venho do albergue, onde a viuvez chora,
«E a orphandade em lagrimas descora.»

«E tu quem és ?... que tão imperiosa
«Nos interrogas... grande Magestade ?...»
—Eu ?... —a aragem que amenisa a angustia;—
—Sou vossa irmã:—Eu chamo-me—Saudade;—
—Sou do passado o grato sentimento
—Que alenta a alma e enche o pensamento.

Teus olhos

Da noite estrellada
Na negra pupilla,
Mais que a alvorada
Teu olhar scintilla...

Teus olhos brilhantes
Semelhão dois sóes
E trinão constantes,
Gentis rouxinóes !

Se pousão furtivos
Nos olhos alheios,
Penetrão altivos
No fundo dos seios.

Eu temo teus olhos,
Teus olhos azues,
Profundos escolhos
Cobertos de luz.

Estações

---PARAPHRASES---

PRIMAVERA

Vem raiando a madrugada
E da aboboda celeste,
Trajando d'ouro e de rosa,
Surge aurora, mãe formosa,
Pela mão trazendo o dia;
O qual derrama, em cascatas
De claridade divina,
Os raios do sol nascente,
Sobre a rocha e a collina.

E a philoméla rompendo
Em melodias, entôa
Um hymno suave e brando;
Dois colibris despertando
Saltitão na tenra alfombra,
E disputão as fragancias
Que guarda o calix da flôr,
Entre-aberta essa manhã
Do Zéphyro e do Amor.

Um chilrador pintasilgo,
Buliçoso e descuidado,
Pipila sobre o mattinho;
Enquanto, fazendo ninho,
Da ramada pelas balsas,
Vôa a plumosa consorte,
Da campina na esmeralda
Brinca à luz da primavera
Gentil criança corada...

Verão

Tocou já o sol o zenith:
 Sua auréola luminosa
 Refulge em grande esplendor.
 O prado é aberto em flôr,
 E da plenitude em viço
 As dhalias, rosas, canelias,
 Florescem em profusão:
 Um melro no espinheiro
 Modula alegre canção.

As arv'res esmeraldinas
 Abrigão por entre as folhas
 Os fructos desenvolvidos;
 Pelos galhos estêndidos
 A aragem passa indolente
 Nas copas das lorangeiras:
 Os mais noveis passarinhos
 Vão encetar seus cantares,
 Deixando a pluma dos ninhos.

Sobre as espessas latadas
 Onde pampanos se enlação,
 Volitão as borboletas;
 E as timidas violetas
 Espreitão por entre a selva
 Um par moço e adoravel,
 Que anda gazil no vergel:
 —Dois esposos envolvidos
 Nos vãos d'ã lua de mel.—

Outomno

Mergulha Phebo sombrio,
 Nos imperios de Neptuno,
 Os seus raios abrazados;
 E os arbustos carregados
 Soltão as folhas primeiras
 A's furias da ventania;
 Nos prados, então sem flôres,
 As hervinhas são mirradas...
 Tudo é triste e sem verdores.

Pelas planicies dos ares
 Revoão mil andorinhas
 Em procura do abrigo;
 E nos campos, entre o trigo,
 Os grillos pulão das sarças
 Aonde estão escondidos:
 São desertos os caminhos,
 As verédas 'stão soturnas;
 As aves pousão nos ninhos.

Sob os doces da folhagem
 Amarella e resequida,
 Passeião de braços dados
 Dois esposos alquebrados;
 E apontando o sol turvo
 Que ao occaso já se chega,
 N'um sorrir de moribundo,
 Gemem:—quando elle voltar,
 Não veremos mais o mundo.

Inverno

Serração:—alem no espaço,
 Occulto entre nevoeiros
 Vê-se a treva que negreja,
 Contrastando a terra alveja,
 Envolta em lenções de neve.
 O torvelinho nos ares
 Quebra os galhos dos arbustos
 Que cahem, no chão esteril,
 Sem flôres, folhas, ou fructos.

Aves não têm pousada
 Nos ramaes dos arvoredos
 E, o tristonho rouxinol,
 Atrás d'um raio de sol,
 Se achêga aos beirae do rio,
 Soluçando os seus desgostos.
 A chorosa natureza,
 Envolve as faces sem côres
 Com as gazes da tristeza.

O céo, traja azul sombrio,
 E a noite distende o manto,
 Sem os fulgores de gala.
 No cantinho de uma sala
 Dois velhinhos se conchegão,
 Aos calores do brazeiro;
 —E nas feições descarnadas
 —Descobre-se a feia morte
 —De fauces escancaradas.—

Dadá Souza

Das rosas do prado, se eu fosse a mais bella,
As puras fragancias ir-te-ia levar;
Das brisas fagueiras, si as azas tivesse
A's faces mimosas ir-te-ia oscular.

Si eu fosse uma fada, dar-te-hia prodigios,
Ou anjo si eu fosse trar-te-hia dos céos
Um manto bordado de estrellas e côres;
Zéphyro, eu iria nas azas de amores
Anhelos d'essa alma buscar junto a Deus.

Que sonhas ?

~~~A' S. RIBEIRO~~~

Que sonhas, linda, nos sonhos  
Que o teu somno vem bordar ?...  
Teu seio—ambula de amores—  
Que guarda do teu sonhar ?...

Sonharás alguns anhelos  
Que a esperança bafejou,  
Ou co'a nuvem das chimeras  
Que no teu peito passou ?...

Talvez sonhes co'as estrellas  
Que enfeitão o firmamento,  
Ou tua mente—manto d'ouro—  
Occulta outro pensamento ?

Quem sabe ! sonhas co'as flôres  
De alguma pura affeição ?...  
Branças rosas que um carinho  
Faz florir no coração ?...

Já sei que sonhas, nos sonhos  
Que a mente te vem bordar;  
Sonhas co'as fadas celestes  
Que o teu somno vem velar.

Tu sonhas, co'as primaveras,  
Co'os cantos dos passarinhos,  
Co'os risos das alvoradas  
Co'as bellezas dos anjinhos.

Teu somno—ninho dourado  
Das avesinhas do Empyrio—  
Teus sonhos—pet'las de prata  
De fresco e formoso lyrio.—

Não conta, linda, esses sonhos  
Que a mente te vêm bordar.  
No seio—ambula de amores—  
Occulta bem teu sonhar... .

## Recuerdo

---A' AMIGA M. Y. B.---

Não te lembrás desse dia  
Em que a luz irradiava,  
E lèda a brisa passava,  
Suspirando ao pé de nós ?...  
Lindas nuvens azuladas  
Corrião no firmamento  
Como corre o pensamento  
Rápido, aerio, veloz !...

Mostrei-te: Tu satisfeita  
Gostaste do panorama,  
Pois quando o coração ama  
Os lábios devem sorrir;  
Zombaste então d'uma lagrima  
Imprudente e traçoieira,  
Que adivinhava, agoireira,  
Negras sombras no porvir.

Te recordas ?... a ventura,  
Como ellas, inconstante,  
Esqueceu-se n'um instante  
Da flôr que nos offertou;  
Hoje, tristes, separadas,  
Nós suspiramos saudosas  
Lamentando desditosas  
A dita que não durou.



## A Fé

Existirei; passe embora sec'lo e sec'lo  
Da época actual...  
E enquanto o mundo gyre nos seus eixos,  
Em gyro magistral.

Verei o sol: o monarcha c'roado,  
Com resplendor de luz;  
Derramar, pela terra agradecida  
Benefícios a flux.

Admirarei a natura grandiosa  
Sem nuvens e sem véo,  
Diaphana e transparente se mostrando  
A' aboboda do céo...

Aspirarei das flôres doce aroma  
Qu'embalsama o jardim:  
Escutarei dos multicôres passaros  
Os canticos sem fim.

Contemplarei o amor e a mocidade  
Em extasis dolente:  
E Deus, do infinito para o espaço  
A olhar eternamente.

Nasci co'o mundo:—Abrindo seus caminhos  
A crença e oração;  
Impellirei a humanidade inteira  
A luz da redempção.

## Desilludida

---A' G. G. O.---

Veio pousar mansamente  
No hastil d'uma roseira,  
Borboleta feiticeira,  
De primoroso matiz;  
E doce e terna sorrindo  
Lhe offertou tantos cuidados,  
Que captiva dos agrados  
Se vio preza a infeliz...

Sensivel, a insensata,...  
Legou-lhe o seu coração...  
Na mais santa adoração...  
Deu-lhe caricias, amores:  
Mas... a varia borboleta,  
Voluvel e bandoleira,  
Breve se foi prazenteira,  
Illudir as outras flóres.

.....

Ah !... Tu foste a borboleta  
Inconstante e lisongeira...  
Que roubou a vida e calma  
A' desditosa roscira...  
—Esta,—que era minh'alma,  
Sem querer consolação,  
Fenece triste e sósinha  
Pela tua ingratitude.

## Tableaux

### I

Imagina, leitor, um pavilhão  
Situado no fundo d'um jardim,  
Alvejando entre galhos de jasmim,  
E virentes roseiras do Japão...

Nas latadas a verde ranaria  
Condemnando as essencias peregrinas,  
Aos perfumes de sandalo e bouinas  
Que se escapam da alegre moradia...

Entre as palmas esguias do coqueiro,  
Os gazis rouxinoes cantando amores...  
E em busca de mel por sobre as flôres  
Zumbindo insectos no voar ligeiro...

### II

Imagina, uma *lympha crystallina*...  
A correr lentamente no seu leito...  
E um *cysne* a mirar-se satisfeito  
Por se vêr retratado em téla fina...

Lá no monte... um rebanho apascentado  
Por gentil e *mignonne* pastorinha...  
Descantando a toada da modinha  
Mais moderna que ouvio no povoado...

Nas ruínas da ermida, onde a héra  
Fluctua em longos caules enlaçados...  
Oscillando em verdes matisados  
As flôres da campestre primavera.



## III

Imagina, leitor, formosa scena:  
 Duas garrulas, meigas creancinhas,  
 Ambas loiras, traquinas, bonitinhas...  
 A correr do pomar por sobre a arena...

Um cãosito de pello avelludado...  
 A puxar das bonecas o carrinho,  
 Que desfila entre os musgos do caminho  
 Por silvédos e murtas sombreado...

O papá... e a manã... embevecidos  
 A miral-as, complacentes, orgulhosos...  
 Aspirando os aromas capitosos  
 Que dos seios da flóra vêm perdidos...

## IV

E agora, rematando, meu leitor,  
 Imagina em salões atapetados...  
 A passear um par de braços dados  
 Que ternamente falla á luz do amor...

Uma orchestra sublime modulando  
 Da valsa delirante as melodias;  
 Emquanto pelos céos das phantasias  
 Mil scintellas de lumes vão brilhando.

E no jarro da China mais taful  
 Onde o lyrio pendia a face a medo,  
 Escondida, espreitando-os em segredo  
 Uma discreta Borboleta Azul !...

## Já viste ?

Já viste acaso, o despertar d'aurora,  
Sob essas nuvens de carmin e opala,  
No céo de anil ?...  
Já viste o ninho a tremular no galho  
Que lêda aragem perpassando embala  
No mez de abril ?...

Já viste a brisa a ciclar nas folhas  
Da lorangeira quando veste flôres  
Lá no sertão ?  
Já viste triste trovador queixoso,  
Em altas noites, murmurando amores,  
N'uma canção ?

Já viste a estrella, despontar lusente,  
N'alva roupagem d'uma noite linda  
Toda fulgor ?  
Viste á noitinha, maviosa rôla  
Buscar abrigo, pipilando ainda  
Threnos de amor ?...

Já viste a lua quando surge calma  
E mostra as galas, donairosa esqúiva  
Na téla azul ?  
Viste a barquinha vir singrando lesta  
E a branca vela entomecendo altiva  
Ao vento sul ?...

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Pois mais formosa é a manhã que sinto  
Raiar-me doce, perennal, infinda  
No coração,  
Quando meu sonho—do sonhar de amores—  
Me traz aos olhos tua imagem linda  
N'uma illusão.

## Um sonho

---NO ALBUM DE R. B.---

Sonhei contigo: a aurora  
Embelezando o horisonte  
Mostrava-me a pura fronte  
Resplandecente de luz:  
Os passarinhos cantavão,  
Delyrante melodia  
Alegres, saudando o dia  
Que traz em si, vida à flux.

Abrião no prado as rosas  
Suas corollas perfumadas,  
Ostentando delicadas  
Petals de finas côres;  
E por entre os arvoredos  
Envolta em mantos de arminho  
Farfalhava de mansinho  
A brisa expirando odôres.

O sol, rei omnipotente,  
Trajando riquezas mil,  
Rompia as nuvens de anil,  
Espelhando os raios seus;  
Dourando a verde campina,  
Longo lençol de esmeraldas  
Onde as rôlas acordadas  
Cantavão hymnos a Deus.

Tudo sorria: era a hora  
 Em que do Eterno, a mão pura  
 Suspendia da natura  
 Lindo sudario de estrellas,  
 Trocando, por outras galas,  
 As galas que veste a noite,  
 Do frio vento o açoite,  
 Por virações mais singellas.

E em que tu, bella e calma,  
 Vivendo das illusões,  
 Meigas e gratas visões  
 Que a aragem passa e desfaz;  
 Só cuidavas dos amores  
 Que te enfeitavão a mente  
 Nessa chimera innocente,  
 Que o sonho comsigo traz...

Contemplei-te, extasiada,  
 Nas azas da phantasia,  
 Vi em ti, toda a poesia  
 Que o paraiso contem;  
 Do teu rosto, na belleza,  
 Vi a graça, a innocencia,  
 Da virtude a excellencia...  
 Li em tu'alma tambem.

Oh ! momento abençoado !...  
 As auras da flicidade  
 Bordavão nossa amizade  
 Dos mais formosos primores  
 E si ao céo quizessem anjos  
 Que eu remontasse, por certo,  
 Não veria de mais perto  
 Da ventura as rubras flôres.

## A Noiva

---A' ALEXANDRE RAPOSO---

Como ella vem tão formosa  
Se occultando em fino véo,  
Parece estrella radiosa  
Prendendo um manto no céo.

Semelha um beijo da aurora  
Comprimentando a manhã:  
Vivo rubor que lhe cõra  
Na face a cutis louçã...

Seu terno olhar peregrino  
Que innumerosos poemas traz...  
É seu sorriso argentino,  
Que mundos de amor que faz.

E lá se vai prasenteira,  
Sob os flocos de setim  
Cõ'as flôres de lorangeira  
Levar ao seu noivo e— Sim—.

## Queixumes

Meu Deus ! porque me vendo enebriada  
Na luz d'aquelle olhar,  
Não mandaste qu'os raios da tua ira  
Me fossem fulminar ?...

Porque as bagas do affecto da minh'alma,  
Não esmagaste então ?...  
Porque não me torpaste o peito argilla,  
E gelo o coração ?...

Porque não me seccaste, gotta a gotta,  
As fontes do sentir ?  
E affeições que tinha enthesouradas  
Fizeste destruir ?...

Porque tu não me deste n'essa hora  
Só odio, só rigor ?...  
Porque foi que deixaste no meu seio  
Surgir o sol do amor ?...

Mas... meu Deus... Tu és bom, perdôa a queixa  
Da pobre creatura...  
Que se lamenta e lembra quanto podes,  
Mas que te não censura.

Apaga-lhe da mente o raio ardente  
Da luz d'aquelle olhar...  
E permite que o anjo seu da guarda  
A venha confortar.

## Angelus

O dia já declina:  
Melifluo passaredo...  
Gorgeia no arvoredó  
Saudoso adeus á luz;

A tarde moribunda  
No último extertor  
Não tem mais o fulgor  
Que irradiou á flux.

Alem... longe... bem longe...  
Ao tom da maresia...  
Voltão da pescaria  
Contentes pescadores...

No alto da collina,  
Em busca das manadas  
Se ouvem compassadas  
As vozes dos pastores.

Na porta da palhoça  
O folgasão roceiro  
Espreita, no terreiro,  
Os filhos a brincar;

E nos clarões perdidos  
Da vida que fenece...  
O sol que desfallece  
Sepulta-se no mar.

No ermo campanario...  
Com tristes melodias  
O siño—Ave-Marias—  
Soluça, n'amplidão;

A noite se avisinha...  
Do céu na immensidade,  
Esvai-se a claridade...  
—São horas de oração—.

## Primavera

---AO DR. ALCIDES PEREIRA---

A primavera é a mãe  
Das mais formosas bellezas,  
A rainha das grandezas  
Com que o mundo se enfeitou;  
Querendo de grandes galas,  
Abrilhantar suas salas  
Quando á terra Deus baixou.

A primavera é o poema  
Que extasia a criação...  
A mais faceira estação  
A grata estancia de amores;  
Traz no seu manto os aromas  
Que vai das arv'res nas comas,  
Espargindo pelas flôres.

Traz nas azas dos seus zephiros  
Os perfumes mais divinos,  
Na aragem, traz doces hymnos,  
Belleza ao prado e ao monte;  
Traz ao campo mais verduras,  
Aos corações mais venturas,  
Mais freseor á relva, á fonte.

Na aurora, traz mais primores,  
Na tarde, arrebol mais lindo,  
No sol o brilhar infindo  
Que ao universo seduz  
Traz ao dia, amenidade,  
Na suave claridade  
D'uma cratera de luz !...

A' noite, traz mil riquezas,  
Nessas nuvens aniladas  
Que de estrellas semeadas  
A cup'la occultando ao céo  
Dão á humanidade inteira  
Satisfação verdadeira  
Pura alegria sem véo !



## Meu sonho

---N'UM ALBUM---

Sonhei uma casinha,  
A' sombra de arvoredos:  
Um ninho de segredos,  
Santuário de amor.

Na porta um parreiral,  
Ao lado um jasmineiro  
Que habilit jardineiro  
Cuidava com ardor.

.....

.....

Alguns passos abaixo da casinha,  
Corria docemente, serpeando  
Um regato—espelho crystallino—  
Que reflectia a lua se mirando.

E nas margens, ao halito das brisas,  
Na verdura das sebes alvejando  
Enroscadas no combro as madresilvas  
Oscillavão na haste, tremulando.

∴

N'aquelle paraiso de bonança  
Onde tudo era vida, amor e graça  
Forvião a ventura e a esperança  
Do prazer a dogura em nivea taça.

∴

Cae o crepuse'lo da tarde,  
Rompe a lua a nuvem bella,  
E meiga assomna á janella  
Mysteriosa visão...

Dos seus labiões purpurinos,  
Se escapão risos fagueiros  
Que descobrem, feiticeiros  
Um collar de perfeição.

Seus cabellos são castanhos,  
 Ella é morena e formosa,  
 Sensitiva preciosa  
 Que a mão Suprema formou;

No seu magestoso porté  
 Ostenta graça tão pura,  
 Que bem se vê que a natura  
 D'um astro foi que a roubou.

Em transporte delicioso  
 Me cheguei impetuosa,  
 Na sua bocca formosa  
 Um osculo ardente deixei

Quiz estreital-a em meus braços,  
 Mas a triste realidade  
 Trouxe as cores da verdade,  
 E, ... ai de mim, ... despertei.

.....  
 .....  
 Então, procurei em roda,  
 Mas... tudo fôra illusão,  
 Nada havia do passado  
 Que me enchera o coração.

E sósinha, entrestecida  
 Deixei correr o meu pranto;  
 Fiz do meu sonhar um canto,  
 Que como amiga te dou...

Não desdenhes accceital-o,  
 E' filho da sympathia  
 Que teu carinho n'um dia  
 Minh'alma á tua algemou.

## Triolets

Chimera da côr da neve  
Vem meu peito bafejar,  
N'um osc'lo suave e breve  
Chimera da côr da neve;  
Branco arminho, pluma leve  
Afflando illêsa no ar...  
Chimera da côr da neve  
Vem meu peito bafejar.

No carcere azul do verso  
Vou-te chimera encerrar...  
O meu destino adverso,  
No carcere azul do verso,  
Na luz do teu collo immerso,  
Preso sempre ha de ficar;  
No carcere azul do verso  
Vou-te chimera encerrar,

## A Pobresinha

Quando junta ás mais te vejo  
Pequenina Francisquita...  
Noto sempre em teu semblante,  
Uma tristeza exquesita.

Será por seres tão pobre,  
Que das ricas tu tens zelos?...  
Ou inveja-lhes adornos  
Com que a moda as faz modelos?

Cuidarás que outras pessoas,  
Mais que a ti achão bonitas,  
Essas bonecas das salas,  
Cobertas d'ouro e de fitas?

Como te enganas, louquinha,  
Mais linda que todas és...  
Mesmo co'o parco vestido  
Que tão mal te occulta os pés.

Ellas, p'ra serem formosas,  
Usão vestes de duquezas...  
Emquanto tu, Francisquita,  
Tens em ti mesmo as bôllezas.

Ellas esmaltão seus risos  
De mil requebros suaves,  
E tu sorris, descuidosa,  
Tão gârrula como as aves...

Ellas fallam nas vaidades  
Dos mais pomposos festins  
Emquanto tu—borboleta—  
Saltitas pelos jardins.

São ellas—flôres pendidas—  
Pelo calor dos salões,  
Tu és—flôr cheia de orvalhos,—  
Amada das virações.

Por isso não tenhas zelos;  
Mais que ellas, vales tu...  
Assim mesmo pobresinha  
Com teu pé descalço, nú,

## Epochas

### I

Ao calor de irisada primavera:  
Desabrocha a manhã n'alva roupagem:  
A brisa perpassando embala a hera  
Parasita que dorme na folhagem.

Rosto alegre, cabellos fluctuantes  
A pequena Neny corre hos prados  
Destemida, gazil e sem cuidados  
Em busca d'uma flôr.

### II

Emmoldura-se a tarde no horizonte  
Descamba o astro rei... para o poente:  
Frisando a crystallina agua da fonte  
Passão as auras mysteriosamente.

E Neny, no seu seio de creança  
Presente como um hymno de poesia  
Brilhar o rosicler da phantasia  
No collo do porvir.

### III

Como um globo de prata cinzelada  
No céu—loira cecem—passeia a lua;  
E a noite, no sudario, estrellejada,  
Desnastra a cabelleira que fluctua.

E Neny, na sua alma scismadora,  
Ouve a voz argentina da confiança,  
Entoar, o duetto da esperanza  
Co'as vozes do amor.

## Canção de Abril

Já nos cerrados umbrosos  
O pyrilampo gèntil  
Em volteios caprichosos  
Annuncia o mez de Abril.

E na selva esmeraldina  
Salta o grillo cantador...  
Pela extensão da collina  
Pululam seiva e verdor.

Já o insecto destemido  
Sae do combro emmaranhado  
E ao bom sol aquecido  
Volta á toca consolado.

A cecem, na haste airosa,  
Desabrocha feiticeira...  
E na veiga a rubra rosa,  
E' mais vaidosa e lourceira.

Das crysalidas em bando  
Resurgem as borboletas  
Volveis esvoaçando  
Pelos lyrios e as violetas.

No rocado a sertaneja  
Solfeja amena toada  
Sob a copa que verdeja  
Da já florida latada.

A pequenina avesita  
Pulando pelo vergel  
Balouça na parasita  
Que ao velho tronco é fiel.

Enfim, por toda a floresta  
Os cantos dos passarinhos  
Dão signal de vida e festa  
Dentro da pluma dos ninhos.

E da gruta pedregosa  
Ao mais intimo do lar,  
Abril, a estação formosa  
Ensina: viver e amar.

## Flôr mendiga

Não é um bouquet que vos trago  
Atado por minha mão...  
É a branca flôr do affecto  
Que como cofre secreto  
Guardava meu coração...

Vem succumbindo... ave implume...  
Pede um ninho abrigador...  
Tão pobre... não tem desejos  
Se alenta á esmola de beijos  
De um meigo affago ao dulçor.

Não a eviteis... é tão nobre...  
Mirai-lhe a frente... é tão pura...  
Olhai-a... calmo e sereno  
Seu sorriso sempre ameno  
Promette muita ventura.

Não tem das festas da vida  
Cortejo de seduccões...  
Existe p'r'a vós guardada,  
Misera escrava algemada  
Sem poder quebrar grilhões !...

Eil-a, é vossa... aqui a tendes...  
Dai-lhe agasalho e calor...  
E com vossa mão amiga,  
Roeiai a-flôr mendiga,  
Do santo orvalho de amor,

## Trillos

Eu vi a andorinha  
Que se ergueu do chão  
Tocar d'um só vôo  
Das céos a amplidão.

Vocinos, voemos,  
Como é bom voar...  
Ser irmã das brisas  
Ser filha do ar !...

Eu vi a conchinha  
Pousada na areia  
Volver para as vagas  
Da maré na cheia...

Nademos, nademos,  
Como é bom nadar...  
Ser irmã dos peixes  
Ser filha do mar.



## Sonhei-te

---NO ALBUM DE CHLORIS---

Sonhei: já era tarde,  
Perpassava mansa a brisa  
Pela agua branca e lisa  
D'uma fonte crystallina:  
Sobre a relva reclinada,  
Olhar fito no horisonte  
Na mão descansando a fronte  
Meditava uma menina...

Era morena e sympathica,  
Tinha no riso a innocencia  
Da candura, toda a essencia,  
Que exhala o sopro de Deus:  
Como a gentil violeta,  
Que se occulta na balceira,  
Ella, tímida e faceira,  
Se occultava aos olhos meus.

De improviso, me chegando,  
Tomei-lhe a mão pequenina,  
Offertei-lhe uma bonina  
Que ao prado fui apanhar:  
Dei-lhe um beijo e, pressuroso,  
Um beija-flôr que me vira  
Voou rapido, na mira,  
De outro beijo lhe roubar.

Louca, por vêr a ousadia,  
Quiz vingar-me d'avesinha  
Que no seu seio, mansinha,  
Doce abrigo procurou:  
Mas... que illusão... que miragem  
Era tudo phantasia !...  
Despertei, e nada havia  
Do que a mente idealizou...

.....  
.....  
.....

Conheci então, querida,  
Que a poesia brincando,  
Fôra meu somno dourando  
D'uma ventura sem par:  
Considerarei-me captiva  
Suspirei, já nada tinha...  
Pois nem minh'alma era minha,  
Si teu era o meu sonhar.

## Contraste

Teu coração—uma rosa—  
Que tem p'ra viver bom sol  
Tem doces gottas de orvalho  
Tem lumes do arrebol.

Meu coração—uma ave—  
Que foi expulsa do ninho  
Não tem na vida um conchego  
Não tem na vida um carinho.



## Ao Grande e Immortal Cantor

---ANTONIO GONÇALVES DIAS---

Oh Tu que, d'harmonia a magestade,  
Levaste, para o Nada do Infinito,  
    Na lyra primorosa;  
Me concede que a musa, um terno canto,  
Entôe á tua memoria laureada  
    Em rima maviosa.

Que possa, no painel das maravilhas,  
Banhar, do estro meu, as primaveras,  
    Em doces melodias  
E trazer de esplendores constellada  
Uma c'róa de louros p'ra offertar-te  
    A Ti Gonçalves Dias.

## Inverno

Já morrem dos campos os lírios nevados,  
As pobres violétas rastejam no chão;  
Das rosas que o combro festivo esmaltavam  
As folhas dispersas, perdendo se vão...

Na sebe despida da fresca verdura  
Não vem mais a brisa contente adejar!  
E os galhos da acácia, já nus da folhagem  
O vento ululando, sacode ao passar...

Nas hastes delgadas do esguio salgueiro,  
Endeixas não canta gentil rouxinol;  
Alem, nas devezas de sarças floridas,  
Seccarão-se as murtas, por falta de sol.

Sumiram-se as relvas que o monte sombrio,  
Tornaram ridente na quadra de amor...  
Murchoou-se o junquilha da borda do lago,  
Da silva as flórihas tombaram sem cor.

Da tarde na tunica escura e pezada,  
Não vêm mais phalenas cambiantes lusir...  
E a luz d'alvorada maviosos canarios,  
Não trinão mais carmes de graço sentir.

Nas moitas de junco não vêm as rôlinhas,  
Em brincos singellos caricias gosar...  
E a terna avesinha que vóa no espaço  
Occulta nos ramos deixou de cantar.

Por sobre o balseado, na copa da olaia,  
Não fez mais o ninho o alado gazil  
Nos valles tristonhos reclinam modestas  
As tristes coróllas das flôres do til.

No calix macio da branca açucena  
Não ha mais orvalho cahido do céu  
Repousa da altura nos seios celestes,  
A estancia adorada que a terra perdeu.

E hoje, o inverno nos traz a tristeza  
Com seus mil cortejos de treva e de horror;  
Revive que o mundo te quer primavera,  
E o mundo em hosannahs te canta louvor.

## Illusões perdidas

Pallidas, loucas, gottejando pranto,  
Lil-as que vão-se, tremulas, sombrias;  
Nuas de abrigo, mendigando um canto  
Onde repousem nas noitadas frias;  
Do crú inverno temerosas, pávidas,  
Pedindo affectos, de caricias ávidas.

Oh! forasteiras do paiz dos sonhos...  
Ide-vos... breve vos será a jornada;  
Voi nos rastros de ideaes risonhos  
Ide, andorinhas... procurai pousada.  
Hontem chiméras que os outomnos choram  
Hoje, os anhelos que os ahris collaram.

## No paiz das flôres

Stanios no paiz das flôres,  
Na estação das melodias,  
Na patria da liberdade,  
No mundo das poesias !...

Vamos ouvir nas campinas  
Os trillos da passarada  
E prender as borboletas  
Que pousam sobre a ramada.

Miremos o sol poente  
Que illuminou os vergeis,  
E quçamos na collina  
O canto dos menestreis.

Sigamos mais, e do bosque  
Vamos sentar-nos á sombra  
Colher as per'las do orvalho  
Que cahiram pela alfombra.

Vamos beber na lagôa  
Do seu nectar precioso,  
E provar deste jambeiro  
O bom fructo appetitoso.

Alem, no combro dos valles  
Vamos colher os jasmims  
E trepar nos cajueiros  
Para agarrar os vîns-vins.

Ouçamos, dos pescadores,  
O terno cantar dôlente  
Ao som dos remos que vogam  
Sobre as aguas docemente.

Agora, descendo a encôsta,  
Vamos lá embaixo ás ribeiras  
Ouvir as meigas cantigas  
Das fornosas lavadeiras.

Sentemo-nos sob a copa  
D'esta laranjeira em flor:  
E descuidados, cuidemos  
Só dos euidados de amor.

.....  
.....  
Como a vida corre breve  
N'esta estancia de magias  
Como ha sempre primaveras—  
No collo das phantasias !...

Deste mundo no regaço  
Sob o céu de azul formoso,  
Vamos preparar os ninhos  
Do nosso eterno repouso.

.....  
.....  
Mas... além já surge a estrella  
Que os magos encaminhou...  
É o sino... Ave-Marias  
Ha muito já badalou.

Partamos... a noite chega,  
Os gondoleiros do rio  
Já na choupana recolhem:  
Do môcho se ouve o pio...

A lua a faço mimosa  
Reflacte por sobre o mar:  
Sigamos... somos romeiros  
Temos que aos lares voltar.

Adeus, céu limpo de nuvens;  
Lagos, mar, fontes, ribeiros;  
Adeus bosques, adeus selvas,  
Adeus barco e gondoleiros..

Adeus veigas matizadas,  
Adeus patria dos amores,  
Adeus aves, adeus brisas  
Do bello paiz das flôres.

.....  
.....  
Como a vida corre breve  
N'esta estancia de magias  
Como ha sempre primaveras  
No collo das phantasias !

## Acrostico

Mais brilhante que a luz d'uma alvorada  
Innocente como aragem que volteia,  
Nasceste, linda flôr, d'uma iriada  
Divina aurora que nos céos passeia:  
Ou então, de illusão és a chimera...  
Cuja fragancia a alma nos recreia  
Do crepusc'lo—manhã da primavera.—



## Sonho d'um coração

Fu fiz uma jornada  
Aos seios de Morpheu;  
De lá alcei os vãos  
P'ra ir até ao Céu.  
Bebi do santo nectar  
Que só nos astros ha,  
Provei do precioso  
Santissimo nianá.

E tal como avesinha  
Que imitasse um condor  
Quiz eu ver hem de perto.  
Do sol o esplendor !...  
Transpondo a azul esphera  
Achei-me confortado...  
Das doces phantasias  
No leito agasalhado.

Colhi no paraiso  
O pomo deleitoso  
No berço da poesia  
Dormi somno ditoso;  
Mas inda insaciado,  
Tornei a esvoaçar...  
Bati as loiras azas  
E quiz voar .. voar...

E fui, alem do espaço.  
Subir... subir... subir...  
Mas, desequilibrado,  
Por terra vim cahir !...  
Então, sempre arrojado,  
Tentei me erguer do chão,  
E dando extremo impulso  
Librei-me n'amplidão.

Mas, desta vez ainda,  
No termo do caminho,  
Passado alem das nuvens  
Do Céu istando visinho:  
Qual debil mariposa  
Que á luz se aproximou,  
Forte o calor dos astros  
As azas me abraçou...

Enfermo lá nos ares  
Baixei... baixei... baixei;...  
E desditoso invalido  
Em terra despenhei.  
Sacudo então dos olhos  
O negro e denso véo...  
E eis-me aquí de volta  
Dos seios de Morpheu.



## Cançonêta

- Quê doces vozes são estas  
Que o doce vento traz no cício?...  
—São vozes dos pescadores  
—Quê navegam pelo rio !  
  
—São descantes entoados  
—Ao som das brisas fagueiras  
—Que sopram nas brancas velas  
—Das leves barcas veleiras.  
  
—São rudes cantos sîngellos,  
—Sabidos dos corações;  
—Que vem nas azas d'aragem  
—Acordar as solidões...  
  
—São cantos dos pescadores  
—Que navegam pelo rio  
—Essas vozes compassadas  
—Que o vento traz no cício! —

## Crepusculos

Nas orlas do horizonte,  
A faixa esbranquiçada,  
Que aclara o universo,  
Indica a madrugada:  
E já as meigas vozes  
De anjos celestiaes  
Entoam as matinas  
Nas plagas sideraes.

Dos lados do levante,  
Em pavilhões azues,  
As nuvens vêm franjadas  
De diamantina luz;  
E a aurora em riso argenteo  
A flava côma eleva  
Trocando em claridade  
Da noite a densa treva.

E já dos céos a Diva  
Occulta na roupagem,  
Passiva se prepara  
Para etherea romagem;  
E o astro matutino  
Que se mostrou tãful...  
Vai se sumir medroso  
No grande lago azul.

Enquanto Phebo ainda  
Cãçado da jornada,  
Boceja sobre a cama  
De purpura dourada,  
O dia adolescente  
Suspendendo o sudario,  
Alteia-se entre as brumas  
Cumprindo o seu fadario.

Nas fimbrias do occidente  
 Aonde o céu e o mar  
 Em mysticos segredos  
 Parecem se beijar....  
 O sol já descambando  
 Sacode a cabelleira  
 E faz das nuvens cérolas  
 Macia cabeceira...

Por todo o firmamento  
 Se espalha a côr dourada  
 De que no rubro poente  
 A esphéra se engrinalda:  
 E o astro vespertino,  
 Abrindo o ethereo olhar,  
 Vai por sobre o oceano  
 No brilho se espelhar.

E vem dos brancos frocos,  
 Da plaga celestial  
 Myriades de estrellas,  
 Fundir-se no crystal:  
 Quando do oriente  
 Levanta-se entre véos  
 A lua, noiva esquiva,  
 Dando esplendor aos céos.

Em morbidez platónica ...  
 A noite vai se erguendo...  
 Alem... em tons confusos  
 A luz se vai perdendo,  
 Então um manto escuro  
 Esconde a natureza  
 Até que uma outra aurora  
 Lhe venha dar belleza.

## Beija-flôr

Beija-flôr que alegre passas  
Pelas flôres dos jardins  
Quem á aza te deu côres  
Das azas dos cherubins ?

Quem te guarneceu a veste  
De tão formosos matizes ?...  
Quem te deu affectos santos  
Que tu sentes, mas não dizes ?

«Quem vestiò de esmeraldas  
«A verdejante campina;  
«E deu á limpha que corre  
«A corrente crystallina...

«Quem tambem vestiò a rosa  
«Com perfumosos odôres;  
«E deu o nectar divino  
«Ao doce seio das flôres...

«Quem deu ao bosque a verdura,  
«Aos vergeis a borboleta;  
«Quem dá sol e quem dá sonthra  
«A' pequenina violeta...

«Foi quem deu ás estrellinhas  
«O grande manto dos céos;  
«Quem fez a terra e os mares  
«Quem tudo pode: foi DEUS»,

## Anhelos

Oh !... que barquinho faceiro  
Corre alem,... lá pelo mar !...  
Tem nô leme prompto e firme  
Bom piloto a manobrar...  
A prôa cortando as ondas  
Parece as desafiar !...

Leva á riba, puxa a escôta  
Olha a agulha, oh marinheiro !  
E' veloz o teu barquinho,  
Esguio, leve e veleiro !...  
Vai de bordo decedido  
Sempre audaz, sempre altaneiro.

A quilha roçando as vagas  
Deixa a esteira a pratear,  
O vento sopra de pópa,  
Não precisa bordejar;  
Vai singrando lésto, afoito,  
Como uma garça no ar.

..

Ah ! si eu pudesse, barquinho,  
Como tu, pela amplidão  
Soltar dentro do meu peito  
Scismas do meu coração,  
Sem rumo, de velas soltas  
Ao sopro d'uma afeição...!

## Caridade

Caridade ! unção sagrada,  
Quanto és bella, quanto és nobre,  
Quando tua face o véo cobrê  
Para uma esmola ofertar !...

Caridade, és uma estrophe,  
Te assimilhas ao Deus Santo  
Quando vais com o teu manto  
Tristes prantos enxugar.

Caridade ! és meiga virgem,  
Formosa estrella a luzir,  
Traz mil venturas teu rir  
Mil prazeres teu amor;

Caridade ! almo perfume  
Tens em ti almo conforto  
E é no teu divino horto  
Que a pureza guarda a flôr.

Caridade ! és Mãe Suprema  
No teu seio tens primores  
Que tu dás como penhores  
De cada entrada nos céos

Caridade ! és um poema !  
Caridade ! és melodia !  
Caridade ! és poesia !  
Tens de virtude os trophéos !



## Perdão

---A. C. D'OLIVEIRA---

SENHORA !... para almas nobres,  
Sempre é prazer perdoar !...  
Si está patente o meu crime  
Meu perdão venho implorar;  
Ommissão são de carinhos...  
Tanto não deve enfadar !...  
Mas, como sois boa amiga  
Vos supplico redempção,  
Si grande foi meu delicto  
—Sublime o vosso perdão !—



## Como eu te vi

---N'UM SONHO---

A' suave luz d'um sonho  
Em que placido e risonho  
Descançava meu dormir  
Te vi, linda flôr nevada,  
N'uma gondola embalada  
Pelas vagas, a sorrir...

A sorrir, tão docemente  
Como o menino innocente  
Ao contemplar seu brinquedo;  
Que, a mesma onda bravia,  
As furias desfallecia  
N'um murmurar manso e lèdo !

E vi-te sob as estrellas...  
Comparando-te com ella,  
Entre azues do mar e o céo,  
Pareceste-me a esperança  
Inda em formas de creança  
Inda occultada em seus véos:

Então, não pude no peito  
Ter o desejo sujeito  
De tua voz escutar;  
Fallei-te: tão reverente,  
Foi a pergunta innocente  
Que respondeste a cantar.

E desse som argentino  
Que se ergueu meigo, divino,  
No ether da solidão,  
Guardei a doce volata  
Que em sustentidos de prata  
Enchera meu coração.

E depois... adormecida  
Como uma illusão perdida  
Da musa d'um trovador;  
Inda te vi, feiticeira,  
Sorrir, mimosa e fagueira  
A's ternas scismas de amor...

Mas, aragem despertando  
Fez tua gondola oscillando  
Mar a fóra se perder;  
E o raiar d'alvorada  
Da minh'alma fascinada  
Veio o sonho suspender.

## Lusco-fusco

Vem a lua entre nuvens alvejantes  
Suspendendo sua fronte peregrina,  
E a aragem perpassando, docemente,  
Aspira os mil aromas da campina.

O pastor no redil guarda o rebanho  
Módula a rôla a ultima ballada;  
Fecha o calix, medroso o branco lyrio  
Para abril-o ás caricias d'alvorada.

O reflexo da estrella scintillante,  
Vai de leve pousar sobre a floresta:  
E sobe pelo azul, pelo infinito,  
Em ondas o perfume d'uma festa !

Do sabiá a suave cavatina  
Suspira a boa noite ao Creador;  
E um enxame de loucas borboletas,  
Vem um ninho esconder em cada flôr.

Dos rouxinôes o ultimo gorgieio  
Terno ao longe o echo repetia;  
Só da minh'alma as pet'las da saudade,  
Uma por uma a noite desprendia.

## Sobre as ondas

---AO DR. ARISTIDES GOELHO DE SOUZA---

O Céu vestia suas galas,  
A noite era de luar:  
E a brisa a suspirar  
Enchia a vela á falúa  
Onde no leme assentado  
O bateleiro enlevado  
Soltava um descante á lua.

Nas meigas trovas dizia:  
«Loira Diva dos meus cantos,  
«Como tu possues encantos  
«Como és rica em esplendor,  
«Quando teu cinto de prata  
«Sobre as nuvens se desata  
«A terra dando fulgor !

«Não ha lisonja, formosa,  
«Como te amo, peregrina,  
«Já pousada na campina  
«Beijando o pollen do liz:  
«Já da floresta no seio  
«Estendida sem receio  
«No verdejante tapiz !

«Ou na terra, ou lá no espaço,  
«Não conhece a natureza  
«Soberana á tua grandeza  
«Si pairas alem... no mar...  
«E quando, d'agua anilada,  
«A tua face prateada  
«Nas vagas tu vens mirar !

«E' bella, então, nessa hora  
«Que o meu estro palpitante  
«Soluça por ti constante  
«Sem compaixão merecer...  
«Vem repousar-lhe no leito,  
«Vem, lua, dentro em meu peito  
«Teu casto asylo fazer.

## Sonhos

Ao tom dos doces carmens  
Da casta poesia,  
Minh'alma em romaria  
Aos Céos mando se erguer;  
E, lá desse kiosque  
De azul crystalisado  
Em manto constellado  
Mil sonhos me trazer:

Um puro, onde a esperança  
Me venha, em calnaria,  
De mystica magia  
Bordar o meu dormir;  
E sobre a minha fronte,  
A' luz da intelligencia,  
Deixando a meiga essencia  
Desperte-me o sentir.

Um outro, inebriante,  
De roseas utopias  
Que ao-som das harmonias  
De loiros passarinhos:  
Me venha embevecer  
Aos risos de bonança  
Aos beijos da confiança,  
A's fallas dos anjinhos.

Ainda um outro, ameno,  
De ethereas prophcias...  
Que venha em melodias  
O somno me embalar;  
Miragem que na mente  
Condense-me os odôres  
Que as perfumosas flôres  
Expellem pelo ar !...

Mais um, que convertido  
Em rosas de ambrosia  
Ao sol do meio dia  
Me envolva no seu véo:  
Que d'osc'los de ventura  
Me enfeite a frouxa lyra,  
E terno me confira  
A nobre musa—o Céu—

E mil sonhos ainda  
De eternas symphonias  
Que em rubras phantasias  
Me pede o coração;  
Minh'alma, sobe... sobe...  
E lá dos céos infindos  
Traz de sonhos lindos  
Uma constellação !...

## Colloquio

---A' GENTIL A. R. COQUEIRO---

Oh Rosa ! se eu te pedisse  
Uma flôr do teu jardim ?...  
—Eu te apontava as devezas  
—Onde floresce o jasmin !...—

E, Rosa, si eu te pedisse  
A flôr do teu meigo olhar ?...  
—Eu te mostrava as estrellas  
—Que no brilho não tem par !...—

Mas, Rosa, se eu te pedisse  
A flôr do teu pensamento ?...  
—Eu dir-te-hia que fallas  
—Morrem nas azaç do vento !...—

Porém, Rosa, se exigente  
Quizesse a flôr da affeição ?...  
—Eu te mandava em meu peito  
—Colheres meu coração !...—

## Julinha

Quando unida às da belleza  
Brota a rosa da instrução,  
Rev'rente se curva, à alteza,  
A turma de alta nobreza  
E do povo a multidão !...

Tú guardas no cofre d'alma  
O mais formoso saber...  
No teu rosto as bellas côres  
Com que Deus pintou as flôres  
Tens um thesouro em teu ser !

Eis, porque, me vês, querida,  
Prostrada aos teus pés gentis  
Contemplando extasiada  
Tanta belleza, alliada  
A perfumes tão subtis !

## Quadro

---NO SEU ALBUM---

Houve algures uma aldeia,  
Como ha nos contos das fadas;  
Formosa miniatura  
Das cidades encantadas.

Simples, alegre e festiva,  
Era um sorriso dos céos  
Guardando dentro dos seios  
Uma ventura sem véos.

Tinha em bosques de esmeraldas  
Cascatas tão magestosas  
Que aljofarando os vergeis  
Lhes ia orvalhando as rosas.

Era uma manhã de Maio  
Lindo mez de luz e flôres  
Em que a propria natureza  
Se esmalta de vivas côres.

Por detraz de uma montanha,  
Ou gigante de granito  
Vinha a aurora despontando  
Pelo azul do infinito.

N'uma encosta da collina...  
—Maravilhoso painel!—  
Esculpira uma casinha  
O mais perito cinzel...

E, feitiçeira encantada,  
N'aquelle mar de verdura,  
Ostentava-se garbosa,  
Transparente de brancura.

No tapete esmeraldino  
Que junto ao portal havia,  
As saltitantes rolinhas  
Vinhão festejar o dia.

Para alem... lá n'um outeiro,  
Junto as rubras trepadeiras  
Os sabiás gorgeavam  
Entre as folhas das palmeiras.

Na praia, gracil barquinha  
Convidava a navegar  
Ao sopro da lesta aragem  
Que vinha a vela enfunar.

Mas... mais que tudo attraente  
 A' alma e ao coração...  
 Era a artistica belleza  
 Da dona da habitação:

Que recostada na relva  
 Tendo o céu como docel  
 Fôra paizagem soberba  
 Para um soberbo pincel !

Em seu rosto meigo e bello,  
 Deus quiz a mão esmerar  
 Fundindo pet'las de rosas  
 A' branca espuma do mar.

Nos seus dourados cabellos  
 Dourados, côr do luar...  
 A furto e como medrosas  
 As brizas vinhão brincar.

Nos olhos,—bellas saphiras—  
 Si liam primores mil,  
 Quando serena os fitava  
 No continente de anil.

E na bocca nacarada  
 Pequeno calix de flôr,  
 Vago sorriso adejava  
 Em um poema de amor.

Surgio-me na alma ao vel-a  
 Claro universo de luz  
 Nascido da poesia  
 Com que a chimera seduz.

E scisimei, talvez... quem sabe,  
 Segredos do coração;  
 Mas, despertei radiosa  
 Da leda contemplação.

Reconheci-te: e fui louca  
 Nos teus braços me lançar  
 Porque eras tu, Haydêa,  
 A rainha do solar !...



## Inconstante

---A. J. S.---

Vem vêr, menina inconstante,  
Como a corrente do rio,  
Parece que em desafio,  
Leva a pétala da flôr;  
Dessa flôr que no teu peito  
Se chamava amor perfeito  
E que em vendaval desfeito  
Tu vês perecer sem dôr !...

Ah !... mas sorris !... inclemente,  
E brincas sem te importar...  
Que a pobre flôr a boiar,  
Vá encalhar n'um máo porto ? !...  
Sabendo que sem abrigo,  
Sem um só unico amigo  
Que a soccorra no perigo,  
Fuccerá sem conforto ? !...

Cómo és cruel !... pois tão bella,  
Devias dentro do seio,  
Guardar um sacrario cheio  
De caricias e affeição...  
Mas... não vale a formosura  
Si n'alma não ha ternura  
E no peito só secura...  
Não viceja um coração.

## N'um album

Dos risos, das flôres, dos beijos, das brizas,  
Dos cantos das aves, da luz do luar,  
Quizera eu ridente formar uma auréola  
P'ra ir a tua frônte mimosa c'roar.

Tambem das estrellas, quizera eu os brilhos,  
Da nuvem diaphana a alvura sem par...  
Do prado os verdores, das veigas as rosas,  
E as puras saphiras do fundo do mar.

Podesse ás sciencias, ás artes, ás musas,  
Immensas riquezas do mundo roubar  
P'r'ocultas no cofre da nossa amizade  
Alegre em teu collo, querida, deixar.

Mas... menos que todos eu sou sem prestigio,  
Tão pobre. Rosinha, que te hei de ofertar?  
Os versos mesquinhos que tenho só venhão  
A folha, deste album gentil macular.

## Antes e depois

Ha pelo azul do céo da mocidade  
Milhares de chiméras...  
Cada astro que fulgura é uma esperança  
A' flôr das primaveras...

Ha meigo rir nos labios, ha doce amor no seio  
E luz nos corações;  
Cada affecto que nasce traz auroras  
A' vida de illusões...

Mas... se passa o vendaval e despedaça  
O véo da phantasia  
Tudo acaba. E se obumbra lá no occaso  
O sol da poesia.

## Incerteza

---A. A. DE SOUZA---

Não sei se és mulher ou anjo,  
Não sei se és estrella ou flôr  
Sei que a todos com teus risos  
Sujeitas ás leis do amor !

Sei que, da mulher a imagem,  
Si mostra pura e gentil  
No thesouro das bellezas  
Que desprendes níl a mil...

Que se lê: bondade d'anjo  
No teu dulcissimo olhar,  
E na fronte em que promettes  
Firme constancia no amar.

Que da estrella tens o brilho,  
O fulgor, as attrações  
Que escravizas com tuas graças  
Inyenciveis corações !...

Que possues da flôr o aroma,  
Essa essencia que enebria:  
Com que prendes toda a gente,  
Nos grilhões da sympathya.

Emfim... que guardas no peito  
Um santuario de amor,  
Que és tudo: MULHER e ANJO,  
Bella ESTRELLA e linda FLOR.

## Naufrago

( . . . . )

Qual batel, sem rumo ou norte  
Sem lême e aos ventos solto,  
Meu coração vaga triste  
Sem carinho nem conforto;  
Vem tu, briza dos affagos  
Conduzil-o a feliz porto.



## Volta da Primavera

Já nas plagas do Azul tudo é efficanto !...  
D'alvas nuvens resurge o sol nascente;  
A estrella que réluz placidamente,  
Procura se occultar do céo no manto.

O dia esplende alem... nos horisontes,  
Serpeante corre o veio nos caminhos  
Alegre vozeria sae dos ninhos  
Subindo em revoada pelos montes.

Os gentis colibris, vão pelas flôres,  
Sugando doce nectar purpurino,  
E as gottas do orvalho matutino  
Tremulam sobre as pet'las multicores.

Tudo diz que é chegada a primorosa  
Estação da ventura e da chiméra  
E que a volta da lèda Primavera  
Traz-nos dias de amor, noites de rosa.

## Phantasia

---A' ALMERINDA---

P'ra ver a manhã formosa  
Chego á porta do jardim  
E vejo vir docemente  
Um beija-flór para mim.

Das côres do arco-iris  
Trajava fulgentes galas:  
—Agradecida a visita,—  
Mandei logo abrir as salas.

Entrou a meiga avesinha  
Sempre esquivada e saltitante.  
Pedi venia... e concedida  
Começou no mesmo instante:

«Eu venho de muito longe,  
«Deixei o meu arvoredado,  
«Deixei meu ninho adorado  
«Só por dizer-te um segredo:

«Librei-me pelos espaços,  
«Voei... voei... fui aos céos,  
«E, passando além dos astros,  
«Cheguei junto aos pés de Deus !

«Vi então os mil preparos...  
«D'uma festa sumptuosa,  
«Cada nuvem caprichava  
«Por mostrar-se mais garbosa.

«Vi estréllas rutilarem  
 «Com mais brilhantes fulgores,  
 «Vi phalenas que ostentavam  
 «As azas de lindas côres !...

«Vi preparar-se uma orchestra  
 «De mil mimosos alados,  
 «Vi se cobrirem de flôres  
 «As roseiras dos vallados !

«Pergunto então abysmado  
 «Do luxo de gran riqueza:  
 «Haverá por esta altura  
 «Bodas d'alguma princeza ? !...

«Não amigo,—diz-me Aurora—  
 «Toda esta ventura infinda  
 «Indica o anniversario  
 «Da nossa bôa Almerinda !»

E batendo as loiras azas  
 Voou lesto n'amplidão  
 Mas, gravou-me deste dia  
 A data no coração.



## Melancolia

Soluçã, lyra plangente,  
Não reprimas os teus aís:  
Deixa-os, no dorso d'aragem,  
Subirem para a ramagem,  
Dos esguios cyprestaes...

Deixa-os:—pode o repouso  
Dessa arv're funeral  
Legar-lhes algum carinho;  
Que o mundo vil e mesquinho  
Fechou-lhes o seu rosal. .

Deixa-os—são parasitas  
Que o cypreste enfeitirão  
E no silencio funereo  
Do tristonho cemiterio  
Mais felizes se acharão.



## A gentil Zezé

Zezé, porque como as flôres,  
Linda, fresca e perfumada  
Tu és sorridente e bella  
Bôa amavel, engraçada ?

Porque o riso dos teus labios  
E' constante, não tem fim ?  
Porque alegre e prazenteira  
Tu vives contente assim ?...

Eu sei: é porque Cupido  
Te dá toda a protecção  
E, isenta das descrenças  
Tens feliz o coração.

Porque possues os carinhos,  
Desse deus enganador  
De esse menino de settas  
Que todos chamão:—AMOR.—

## Bôas vindas

Surge Maio prazenteiro  
Pelas tranças da floresta  
—O mundo annuncia encantos  
—O céo dá signal de festa.

A cornucopia de Flora  
Despeja aroma e primores;  
A terra—noiva vaidosa—  
Se enfeita toda de flôres.

Chilra a multidão das aves  
Voando pelos caminhos  
O sol, bondoso e suave,  
Aquece o frouxel dos ninhos.

Doura o lago o raio brando  
Da morna chamma da luz;  
Abrem lyrios no vallado  
Dando perfumes á flux.

E tudo alegre se enflora  
No serrado e na collina,  
E' que, Maio o mez da Virgem,  
Desceu da umbella divina.

«Tu que és de Deus bella virgem,  
 «Ao Céu me leva contigo...  
 «No teu olhar calmo abrigo  
 «Porporciona ao bateleiro  
 «Da terra a lisonja torpe  
 «Que a calumnia á face cospe,  
 «Intimida o marinheiro.

«Ou vem comigo, e lá fóra,  
 «Entre as iras da procella,  
 «Da falúa róta a vela,  
 «Quebrada a mastreação;  
 «Do marítimo incançavel,  
 «Terás o olhar indomavel  
 «Fito sempre em teu clarão !

«Porém que vale a miragem ?  
 «Essa inaudita loucura ? !...  
 «Si tu ao solo, eu á altura  
 «Jámais havemos tocar !  
 «Mas... mesmo, lua, distantes,  
 «Podemos, ffeis amantes,  
 «Ser tu no Céu, eu no Mar !»

E outra vez sobre as ondas  
 Correu a lésta falúa,  
 Desfraldando a vela núa  
 Ao sopro da viração;  
 E o bateleiro enlevado  
 C'o olhar no Céu cravado  
 Finalizou a canção.

## Scismando

### NO ALBUM DE HAYDÉA

Minha Haydêa, porque triste,  
Como do campo a bonina,  
Tu inclinas melancolica  
Tua fronte purpurina ?  
Porque scismas, minha estreita...  
Serão amores querida,  
Que os teus dias consumindo  
Estão enlutando a tua vida ?

Vê que os brilhos das tuas faces  
Vão feñecendo e fugaces  
Pelos espaços irão:  
Tem mais cuidado co'as rosas  
Do teu rosto, tão mimosas...  
Recêia da propria aragem...  
Não deixes, querida bella,  
Que o colibri que volteia  
Lhes roube o leve carmin:  
As aguecnas são lindas...  
Mas... formosas no jardim.

Nas faces d'uma meubina  
Nada brilha, nada espelha,  
Como das rosas a côr:  
Sê prazenteira e contente,  
Expulsa essa dôr pungente  
Reviverás m eiga flôr.

## Forasteira

Visão dos meus sonhos porque foges,  
Porque deixas o tecto hospitaleiro  
Que o berço te guardou?...  
Porque a plagas longinhas te refoges,  
Ave alada no vôo condoreiro,  
Que o ninho abandonou ?

Porque vas n'outra esphera abrir as azas  
Si encontras no meu seio albergue e leito,  
Caricias e paixão?...  
Não temes—mariposa—arder nas brazas  
De lumes ignotos que outro peito  
Alêe em um vulcão ?

Porque has d'ir, pela estrada, mendicante,  
Si tens no meu amor riqueza a flux  
Em mundos ideaes ?  
Minha alma é um paiz menos distante  
Onde ha tendas, perfumes, sombra e luz  
Encantos divinaes.

Oh ! não fujas, visão dos meus sonhos,  
Não te olvides do tecto hospitaleiro  
Que o berço te guardou;  
Toda é tempo; reporta-te aos teus factos,  
Ave alada no vôo condoreiro,  
Que o ninho abandonou.

## Obra prima

Deus fundindo duas flôres,  
Uma açucena e uma rosa  
Moldou as nítidas côres  
Da face tua formosa.

E em suave alliança  
Proudeu o mar e a luz  
E deu-te, meiga creança,  
Um céu nos olhos azues.

E depois, do sol nascente  
Collou na tua pupilla  
Esse raio incandescente  
Que no teu olhar scintilla.

E foi, d'estrella fulgente  
Tirar o diadema louro  
E na fronte docemente  
Um nimbo depoz-te d'ouro.

D'uma tulipa orgulhosa  
Tomou a côr de carmin  
E foi, com mão caprichosa  
Fazer-te a bocca um rubim.

Depois pedindo ás plumas,  
Do passaro a maciez  
Avelludado d'espumas  
Deu-te nas rosas da tez.

Da camelia peregrina  
Tirou a mimosa alvura  
Da tua mão pequenina  
Mimo ideal de brancura.

Do lyrio esbelto e altivo  
Te deu o porte elegante  
E fez-te mais donativo  
D'um sorriso inebriante.

Depois, pousando em teu peito  
Sua omnipotente mão  
Collocou-te lá com geito  
Um sensível coração.

E 'stando o todo completo  
Mandou Deus com doce calma,  
Que fosse um anjo selecto  
Aos céos buscar-te uma alma.

Então, disse ao universo,  
Parai a lida veloz:  
E tudo em silencio immerso  
Seja attento a minha voz:

E lá foi, cheio de goso,  
Erguer a branca cortina  
E te tirar, orgulhoso...  
Dentro da sua officina.



## Confia e espera

---A' LAZINHA---

Si Deus ao Céu deu as nuvens,  
Da mais bella côr de anil,  
E maravilhas a mil  
Concedeu á creação:  
Si abriga ás avesinhas,  
Si semeia de conchinhas,  
As brancas praias do mar:  
Si dá perfumes ás flores,  
Ao iris milhões de côres,  
A nós que não ha de dar ? !...

Elle, que enfeitou os campos,  
A veiga, os montes, os prados,  
Por certo, inda mais cuidados  
Ha de aos seus filhos prestar...  
O crente, não desanima,  
Caminha de frente erguida,  
Na longa estrada da vida  
Sem as vestes macular.

Deus, o Eterno, o Bondoso,  
P'ra sustentac'lo á existencia  
Offrecen-nos a clemencia  
Que é taboa de salvação:  
Na fé, mandou-nos o guia  
Que pela mão nos conduz  
Ao porto que é todo luz,  
Crença, venturas e paz:  
Na esperanza, deu-nos mais  
Conforto p'r'o coração.

Só feliz, é quem confia,  
Quem nos lances de alegria  
Desprende d'alma o grilhão;  
Que mata a incredulidade  
C'o a lamina da verdade  
E chega a felicidade,  
Pondo o pensamento em Deus,  
Nesse Pai que nos é caro,  
Que não deixa em desamparo  
O mais pequeno dos seus !

.....  
.....  
.....

Por isso te peço, amiga,  
Que não deixes em teu seio;  
Com infundado receio,  
Murchar a flôr—Confiança:—  
Apoz medonha borrasca  
Surgem dias de bonança...  
Guarda contigo a esperança  
Que aurora outros prismas tem.

Expulsa a negra descrença,  
Do Christo te chega, á Cruz:  
Vê neste conselho a luz  
Que emanada do céu vem;  
N'essa fonte previdente  
D'agua pura, crystallina,  
Vai tu, feliz peregrina  
A longos tragos beber:  
Depois, alegre, contente,  
Confessa-me que é loucura  
Insensatez e delirio,  
Dizeres p'ra teu mártýrio  
Que não tem fim teu soffrer !

## O bando das borboletas

---REMINISCENCIAS---

D'aurora aos primeiros cantos  
Da primavera ao alvor,  
Lá surgem as borboletas  
Voando de flôr em flôr  
Só eu não posso com ellas  
Voar nas azas de amor.

No manto da fina briza  
Ellas voão sem cessar;  
São filhas da branca aragem  
Nasceram só p'ra voar...  
Vivem dô mel e de beijos  
Não tem alma para amar.

E como voam, travessas,  
Pelas sendas da amplidão,  
Oh ! si com ellas pudesse  
Mandar o meu coração...  
Mas... já se afastão ligeiras  
Velozes como a illusão.

Mal secca a primeira folha  
D'outomno ao desabrochar...  
Volveis as borboletas  
Começam a emigrar  
Ah ! si tambem n'outros climas  
Fosse eu venturas buscar...

Aos raios do sol poente  
Lá si vão a recolher...  
Adeus; adeus, borboletas,  
Até vos tornar a ver.  
Ide: inconstantes, felizes,  
Nunca vos hei de esquecer.

## Desejos

---N'UM ALBUM---

Colher nos jardins celestes  
Mimoso bouquet de flôres...  
E vir ridente de amores  
    No teu album collocar;  
Dar-te um throno; alem das nuvens,  
Cercado de melodias...  
E das ternas harmonias  
    Que os anjos sabem cantar:

Confundir a natureza...  
E crear aos meus desejos  
Um universo de beijos  
    Onde tu fosses reinar;  
Eram meus puros anhelos  
Si a musa á minha lyra  
E meu estro que delira  
    Meiga deixasse expressar.

## O adereço

---PHANTASIA---

Dizes-te pobre ? !... que engano...  
Tens em ti, tantas riquezas !  
Como prova, eu vou um mimo  
Te dar de excelsas grandezas.

Reino em cofre dourado  
Os dotes que em ti conheço  
E depois dou-te o presente  
D'um valioso adereço...

Far-te-hei uns braceletes  
Dos coraes do labio lindo  
Que no sefim dos teus braços  
Serão dois iris fulgindo.

E dessas azues saphiras  
Que espelham no teu olhar,  
Dar-te-hei ricas rosêtas  
De valor que não tem par !

Depois, para a mão mimosa  
Eu farei um anel d'óiro  
Apenas, tecendo fios  
Desse teu cabello loiro...

Ao teu collo alvinitente  
Prender-te-hei um collar  
Feito das per'las sublimes  
Que o teu riso faz brilhar.

E mais, dar-te-hei um broche  
Dos brilhantes da instrução  
Que te engasta a intelligência,  
Aos rubis da educação.

## Engano

--A BERTHA TEIXEIRA--

Quando em tua bocca, Nenem,  
Um leve riso engraçado  
Vem faceiro e petulante  
Soerguer o cortinado,  
Dos teus lábios cor de rosa:  
As brizas que vão passando  
Cochicham, maliciosas...  
E se escondem, contrafeitas,  
Despeitadas e ciosas...  
Mas, então os beija-flôres  
Que vêm saltando dos ninhos  
Suppõem tua bocca rosas  
E vão furta-lhe beijinhos.

## Dois astros

Não vês nas noites de estio,  
Quando o céu é todo azul,  
Como a lua caprichosa  
Por sobre as nuvens se embala,  
E como prateia a fonte,  
E como retrata o monte,  
No seu olhar côr de opala ? . .

Não vês nas regiões cérolas,  
Como offusca os outros astros,  
E como, altiva princeza,  
Rasga as cortinas do ar...  
E vai, loureira, catita,  
Lá na janella infinita  
Risonha se debruçar ? ! . . .

Pois como ella nos espaços  
Tua imagem no meu peito  
Offusca as outras imagens  
Por quem nutri afeição;  
E, um astro fulgidio,  
Como a lua em céu de estio,  
—E' astro em meu coração.—

## Liberdade

Imponente magestade  
Claro raio de luar,  
Filha de Christo dilecta,  
Astro brilhante, sem par !

Brisa das felicidades  
Osc'lo emanado dos Céos,  
Palavra santa, sublime,  
Pronunciada por Deus !

Liberdade ! estrada d'ouro  
Campo de verde matiz,  
Flôr delicada e mimosa  
Que a humanidade bemdiz;

Rosa que se abriu ao sopro  
De suave viração...  
Perfume que dá-nos vida  
A' alma e ao coração...

Canção que as aves solfejam,  
Voz d'aragem que susurra;  
Sonho eterno do poeta  
Poema que Deus murmura:

O teu brado, repercute  
Dos mundos na immensidão,  
Pharol de ethereo luseiro  
P'r'o batel da Creação.



## Pedido

Minha alma é ave implume  
Dá-lhe abrigo no teu seio,  
Onde o verme do reccio  
Não a possa intimidar;  
Permitte-lhe essa ventura...  
Essa graça appetecida  
E verás que agradecida  
Saber-te-ha recompensar.

Dá-lhe um asylo seguro  
De teu peito em um cantinho,  
Onde possa com carinho  
Indemnizar teu favor;  
Não recuses o obsequio  
Satisfaz puros almejos  
Dá-lhe alento com teus beijos  
Em sonhos de rosea côr.



## Si eu pudesse

---A' MINHA AMIGA G. O.---

Como vão as brancas auras  
Beijar florido rosal  
Eu iria, si pudesse...  
Beijar labios de coral...

E depois... como ellas mesmas  
Me alando pela amplidão  
Eu iria, si pudesse...  
Pousar em teu coração.

## No album de Haydêa

Encontro em ti Haydêa,  
Tanta virtude e candôr,  
No teu sorrir feiticeiro  
Delicias p'ra tanto amor:  
Quê ardente, si eu fôra um vâto  
Um canto improvisaria  
Que reunisse os teus dons  
Na mais fôrmosa poesia !

Porém o Deus dos poetas  
Aváro com'igo, flôr...  
Negou-me da sua sciencia  
O segredo seductor;  
Mas, dou-te quanto possuo,  
Te offerto minh'alma inteira  
Envolta n'um lorgo osê'lo  
De amfidade verdadeira.

## Emigradas

Vão partindo uma a uma as lindas crenças  
Que minh'alma enfeitou de phantasias,  
E sumindo-se, as bellas utopias,  
No abysmo insondavel das descrenças.

Desfraldam de suas náos as brancas velas,  
Da vida no oceano encapellado, ...  
E seguem sem roteiro destinado  
Que lhes poupe fragôres das procellas.

Vão velozes fugindo á tempestade  
Que turva do meu céu a sã pureza;  
Demandando outro rumo com presteza,  
Receiôsas do luto da orphanidade...

E, deslisam por vagas aniladas,  
Sem prantos, sem saudades do seu ninho !...  
Apenas, lá da curva do caminho,  
Me acenando, com a mão, as emigradas.

COFFRE DE MESSRS  
A J. A. d'eq. S.

## Os sonhos

A vogar nos bates azues do nada,  
Elles libram-se á aboboda infinita  
E na aragem impalpavel que volita  
Nós os vemos subir em révoada.

A mente, á phantasia escravizada,  
Debalde, prisioneira, solicita  
A chamma da chimera que crepita,  
Um repouso p'ra fronte inebriada.

Mas, á luz da miragem seductora,  
Vai a idéa prender-se scismadora  
Procurando ideal e amplidão.

E a alma sonhadora do poeta  
Onde a vida dos sonhos não tem meta  
Se evola pelos mundos da illusão.

## Surgindo a aurora

---AO CIDADÃO J. R. D'OLIVEIRA---

Escapam d'entre a folhagem  
Os cantos dos passarinhos,  
Trazidos n'aza d'aragem  
A vibrar pelos caminhos:

E pelos verdes raminhos  
Elles mostram de passagem,  
Ainda quentes dos ninhos  
A primórosa plumagem,

E vão em terno gorgείο  
Beber no límpido veio  
Que corre ao sopé da cruz;

Na esphera a lua fugindo  
D'aurora que vem surgindo  
Se affoga na rosea luz.

## Viageiras

Como vão pelo Ether, descoradas,  
As minhas illusões, minhas chimeras,  
Sem sol que lhes vigore as primaveras  
Sem cores que lhes vistam alvoradas.

Nas azas do mysterio, eil-as aladas,  
Por mundos ideaes, de antigas eras:  
E lá de sobre o throno das espheras  
A' dizerem-me adeus, as malfadadas.

Quem irá dar guarida ás viageiras,  
A triste caravana que caminha  
Descalça, lacrimosa e consternada ? !...

Voltai, minhas queridas forasteiras...  
No seio tenho pluma que as aninha,  
Na alma tenho um leito que as aguarda.



## O Sol

---AO CIDADÃO S. P. G. DE SOUZA---

Revive a madrugada: na campina,  
Do pastor a cantiga predilecta  
Se evola no infinito, peregrina,  
Como os sonhos á mente do poeta.

A' borda da lagôa a violeta  
Balouça a haste debil e franzina  
Emquanto uma irisada borboleta  
Revôa pelo musgo na collina.

A plumea philomela, na floresta,  
Junta loiras palhinhas de giesta  
P'ra tecer entre as sebes fófo ninho;

Alem... no firmamento erguendo a côma  
O rei do dia suas palhêtas toma,  
E--Artista--vai das glórias a caminho,

## Lua d'inverno

Nos prantos sideraes banhando as magoas,  
Eil-a entre nuvens pallida oscillando;  
Centelha errante de ignotas fragoas,  
Astro soturno, triste se obumbrando.

Não mais rutila o facho desatando,  
—Branca ave do céu—nas brancas agoas  
Do frio inverno as pennas ensopando,  
Nos prantos sideraes banhando as magoas.

Pharol perdido na extensão dos ares  
Subtil anceio de illusão fugida,  
Vela erradia na amplidão dos mares;

Quem contemplou-te fulgurando outr'ora,  
Grande rainha de esplendor vestida,  
Succumbe, Dea, te mirando agora.

## Esboço

Esvae-se a luz: a tarde vai tombando:  
O sol demanda as curvas do occidente  
E as nuvens irisadas do poente  
Vão na agua do mar se amortalhando.

Uma gondola fluctua levemente,  
Sobre as vagas azues se balouçando;  
E um lenço pelos ares acenando;  
Lá na pôpa se agita tristemente.

Na extensão descampada, onde se espraia  
A onda impetuosa e perlejada  
Um vulto de mulher se patenteia;

Da face macilenta a côr desmaia,  
No olhar desvairado o pranto escalda,  
Caindo gotta a gotta sobre a areia.

## Sombreado

Na veiga corre Nhósinho  
Atraz d'umas borboletas  
Volveis, irrequietas  
Que brincam pelo mattinho.

A Neny das tranças pretas  
Saltita pelo camiinho  
Apanhando rosmaninho  
Bemnequeres e violetas.

Da romanzeira copada  
Na sombra fresca e serena  
A Mamã está assentada;

Na poçasita, lavando,  
Maria, a terna morena,  
Dá vida ao quadro, cantando.

## Meia noite

Meia noite badala no mosteiro,  
E um véo de tristeza e soledade  
Se desdobra por sobre o mundo inteiro  
Do silencio cobrindo a magestade.

E' hora perennal da liberdade...  
Morre a vida no somno hospitaleiro,  
E a alma a viajar na immensidade,  
Despedaça os grilhões do captiveiro.

Velando: só n'altura ha uma estrella,  
Reçostada a peninsula infinita  
Que é do throno Supremo a sentinella;

E na terra a crepitar inmorredoura  
A chamma da saudade que palpita  
No coração d'aquella que te adora.

## Echos de Abril

A natura já se enflora  
De sorrisos feiticeiros:  
Abrem cecens nos outeiros  
Aos mornos beijos d'aurora.

A primavera os primeiros  
Festões de lilaz colora;  
Os jasmíns a mão de Flora,  
Vai abrindo nos canteiros.

E entre amor e perfumes,  
Das montanhas pelos cumes  
Brotam flórinhas azues;

Dos seios da natureza  
Na sublimada grandeza  
Traz Abril aroma e luz.

## Idyllo

Lá na umbella azulina se devisa  
A risonha manhã toda primores;  
Trazendo sobre as faixas multicores  
O brilho que fascina e que electrisa.

O sol, loura centelha, já deslisa  
Das ramadas nos floridos verdores;  
E beijando no valle as rubras flôres  
Garrulêja do sul fagueira brisa.

Um zagal, pelo monte, cantarola  
A canção predilêcta que, á querida,  
Acompanhou tocando na viola

E o rosto de formosa roceirinha  
Apparece, folgazão, cheio de vida,  
De uma toska palhoça á janellinha.

## Adejos

Contentes, os passarinhos,  
Esvoaçam nos serrados;  
Trazendo pluma e flocados  
Para a construcção dos ninhos.

E, suspensos nos raminhos  
Ou nos beirões dos telhados,  
Elles tecem p'ros filhinhos  
Os pousos bem confortados.

Emquanto, lá pela altura,  
Na palheta do ideal...  
A's brumas, succede a alvura:

A rosa branca do val.  
No seio todo frouca  
Guarda o pranto matinal.



## Marinhas

---A DAGOBERTO LIMA---

Agonisa o crepusc'lo vespertino  
E a lua, já crescente, se retrata  
Na agua verde-azul e côr de prata  
Que reflecte seu rosto alabastrino.

Bate a onda na rocha, onde desata  
Da espuma alvinitente o friso fino,  
E n'um beijo volante, peregrino,  
Solfejando, lhe canta uma sonata.

De além dos horisontes, branca vela,  
Bruxolêa da luz aos resplendores  
Das curvas do Atlantico surgindo;

E mais outra, e mais outra, inda apoz ella  
Conduzem para terra os pescadores  
Que das trevas no mar, se vêm fugindo.

## O casal de passarinhos

---A BERTHA OLIVEIRA---

Vindo de plagas distantes  
Buscavam pelos caminhos,  
Guarda, os ternos amantes,  
O casal de passarinhos...

Dos galhos dos jasmineiros  
Sob o docel perfumado  
Lá foram os estrangeiros  
Teecer o pouso adorado...

Mas... Bertha, a meiga criança  
Que ao prado fôra a passeio  
Teve travessa lembrança:

Tirou os brancos ovinhos  
E fez um ninho no seio  
P'ro casal de passarinhos.



## Fluctuando

---A SENHORITA ZEDA C. DE SOUZA---

Acordavam os echos da campina  
Do camponio á meliflua toada,  
Linda humida das gottas da neblina  
Do jasmineiro abria a flôr nevada.

Pelas urzes, n'alfombra da collina,  
Revoava trillante a passarada;  
Do regato a corrente crystallina  
Serpeava na gramma matisada.

E passando, atravez dos arvoredos,  
Vinha traquinas, nos gazis folguedos,  
Saltitando um mimoso beija-flôr...

Sugar do lyrio a essencia saborosa,  
Em quanto a briza a susurrar maviosa,  
Aos teus ouvidos, suspirava:—amor!—

## Uma rosa

Eu vi uma linda rosa  
Que se mirava á ribeira,  
Desvanecida e vaidosa  
D'uma graça feiticeira.

Ao meigò affago d'aragem  
Fingia-se desdenhosa,  
E das folhas na ramagem  
Si occultava a caprichosa.

Mas... correm tempos, a brisa,  
Que pelos ares deslisa,  
Passando não a beijou...

Então ella despeitada  
Mirou-se inda, mas... coitada  
Si vio fanada e... murchou.



## Vacuo

Tudo fenece apoz a dôr que invade  
A veiga amena que perdeu as côres  
Do cháos profundo não resurgem flôres  
Nem d'entre brumas volta a flicidade.

Não brota riso d'orida saudade,  
Ao coração que succumbio de dôres;  
Ao seio ardente que viveu de amores  
Um porvir doce garantir quem ha-de ?

Ventura, é um beijo de ideal chimera  
Que descanta, ao cantar da primavera,  
A dourar o nascer d'uma esperança;

Mas, se foge a illusão que lhe deu vida,  
Se desfaz, como fumo, a luz querida  
Que brilhou no altar da confiança.

## Parabens

---AO PEQUENINO EITER 2<sup>A</sup> PRIMAVERA---

Levanta-se a manhã !—o Céu n'um riso,  
Lhe franqueia os caminhos a jornada;  
—Ella tímida, formosa e delicada  
—Toca de leve os pés pelo azul liso.

No oriente se estende roseo friso  
D'uma veste de seda matisada;  
E o sol, a corôa marchetada,  
Colloca, preguiçoso e indeciso.

D'uma alcova por traz do cortinado  
Eiter repousa a loura cabecinha  
Nas bretanhas do berço perfumado

Mas, voando, o desperta, aura mansinha,  
Lhe entregando c'um beijo prolongado  
Os parabens mandados da Dindinha.

## Liberdade

Na concha còr de nacar que vagueia  
Da onda verde-azul no dorso ouzado,  
Jesus deixou impressa uma epopéia  
Que conflou do mar ao collo irado.

Então si o oceano é agastado  
E atira com a espuma a concha á areia,  
Elle volve-a ao vileão arrebatado  
Nas indomitas aguas d'uma cheia.

Mas á noite, nas horas de repouso  
Quando o mundo no somno busca pouso  
E a vida pede ao sonho calma ás dôres;

Ella vem addejar na immensidade,  
Soberana dos seres—LIBERDADE—  
Deixandó ao perpassar môsses de flôres,

## Vamos

Vamos, oh ! sim... mas que ninguém nos veja:  
Antes que aurora o cortinado abrindo,  
Vá dos olhos o somno sacudindo  
Pr'a clarear a sombra que negreja...

Vamos... a briza já a vela enchendo,  
Impelle o nosso barco sobre o mar !...  
Vamos sulcando as ondas, sem parar  
Enquanto o sol n'alcova vai se erguendo.

Quando a manhã assome-lhe á janella  
Alçando os olhos pelo mar afóra,  
Abrigados seremos da procella;

Enlevados então na voz harmoniosa,  
Das aves do paiz da eterna flora,  
Serás—meu ideal—sonho de rosa.—



## Resurreição

Resurge a primavera: o campo falla,  
O vergel ri, o prado canta amores;  
Na linguagem subtil de mil odôres  
A natureza o seu encantô exhala.

Renova tudo: as fórmas e as côres  
Mudam ridentes da floresta a sala;  
E a borboleta com vistosa gala  
Sae do casulo a namorar as flôres.

Traz a manhã corôa mais formosa,  
A meiga tarde mais pomposos mantos  
A noite amiga perennal doçura;

E de minh'alma, a predilecta rosa,  
Abre a corolla a receber os prantos  
Do doce orvalho, que lhe vom d'Altura.

## No campo

Era noite: enchendo o azul espaço  
De poetica luz, a argentea lua  
Subia pela esphera, passo a passo...  
Mostrando em esplendor a face nua.

E soltando centelha fulgida...  
Do seu disco de prata burilada  
—Uma chuva de perolas cahia—  
Marchetando a planicie arborisada.

Em silencio, as aguas d'um ribeiro  
Desciam vagarosas pelo leito...  
Dando á paisagem tom encantador:

Uma ave na rama d'um olmeiro  
Gorgéava as venturas do seu peito,  
Na cavatina esplendida do—AMOR,—

## Ave-Marias

~AO MAYIOSO POETA G. B. DE SOUZA JUNIOR~

Hora mystica de amor e de saudade  
Em que a alma se perde no infinito:  
E a luz a sossobrar na immensidade  
Condenna o sol—o sideral precito—

A natura, merencoria, traz n'um grito,  
Do silencio o mysterio, a magestade,  
E o dia—do caminho do proscripto—  
Diz o supremo adeus á liberdade.

Rasgando as escomilhas do nascente,  
A grande caravana estrellejada  
Aninistiada volve do degredo; —

E lá nos rendilhados do oriente,  
A lua mostra a face perolada  
Emergindo da crista do penedo.

## Dias de sombra

Em manhãs nebulosas, vão fugidos  
Meus dias de esperança e mocidade;  
E nas brumas da noite da saudade  
Eu os vejo, tristonhos, envolvidos.

Ermos, orphãos de amor e de amizade,  
Como correm, silentes, foragidos,  
Morrendo desherdados, sem gemidos  
Sem protestos na dôr dessa orphandade.

Alarmando, não pedem piedade,  
Nem bradam, rancorosos, raivecidos,  
Contra a angustia, a tristeza que os invade.

Pobres filhos de affectos desmedidos,  
Tombados no verdor da prima idade  
No latente soffrer despercebidos.

## No monte

---A' D. BARBOSA---

Cae o crepus'lo: é tardinha.  
Nos caminhos da quebrada,  
Descendo na ribeirinha  
Chama o pastor a manada.

Cantando, uma pastorinha,  
Do recolher a toada,  
Guia a pequena ovelhinha  
Que alem... ficou trasmalhada.

Da palhoça na lareira,  
Gorda creoula trigueira  
Põe arroz a cosinhar;

Um caçador que é chegado  
Lhe entrega, morto, o veado,  
Que caçou para o jantar.

## Em carnaval

E' pleno carnaval: todos foliam  
Da luz da phantasia aos resplendores;  
De murtas e bandeiras tricolôres  
As ruas da cidade se ataviam.

Nas janellas as fitas multicôres  
De enormes serpentinas se desfiam  
Prendendo os contedores que porfiam,  
Nas lutas dos confettis e das flôres.

A Neny, sob a fôrma de roceira  
De grotesco vestido ataviada,  
Põe o grande chapéo toda faceira

E assim, lá se vae... phantasiada,  
Co'a cestinha no braço, bandoleira,  
Fazer parte da turma mascarada,

## Aquarella

E' brando o sol: a tarde já declina  
Um pouco ao longe, ... cá das aroeiras  
Uma casinha branca e pequenina  
Mostra a fachada atraz das trepadeiras.

Ao sudoeste, enormes ribanceiras  
Emergem das verduras da collina  
E, pelas cumiadas sobranceiras,  
A gramma reverdece esmeraldina.

No fundo da floresta, uma cascata,  
Despenha do rochedo sobre o rio  
O jorro crystallino, aljofarado;

Um pequenino cysne—alva fragata—  
Nadando, contra a agua, em desafio,  
Demanda abrigo lá do outro lado.

## Apollo

Apollo abrindo a janella  
Do grão palacio dourado  
Esparge na azul umbella  
O cabelo assetinado;

E sobre o mundo abysmado  
Desata a faixa amarella  
Que lhe prende ao penteado  
A rutilante capella.

E, rei dos reis, vai potente  
No carro de ouro fulgente,  
Seus dominios visitar,

Semeando nos caminhos  
Alento, vida e carinhos  
Da choça tosca ao solar.



## Vesper

Fecha a tarde em sorrisos purpurinos  
A bocca carminada e graciosa;  
A luz vai se perdendo em vespertinos  
Filétes côr de jalde e côr de rosa,

Assoma a clara lua silenciosa,  
Velando a loira coma nos véos finos,  
E das nuvens na gaze vaporosa  
Espârge seus brilhâres crystallinos.

Uma estrella apparece no levante,  
Logo a flux, mil milhares, vão surgindo,  
Fulgurosas no brilho scintillante;

E a noite—a rainha do mysterio—  
Erguendo lá do Nada o porte infindo  
Vai sentar-se no azul do hemispherio.

## A crayon

~ -A' JUCA~ -

Atravez nuvens volantes  
Qu'occultão céos de crystal,  
Se escondem côres brilhantes  
De tarde primaveral.

E, nos doces verdejantes,  
Das mangueiras do quintal,  
Os colibris adejantes  
Saltitão pelo ramal.

Deslisa, mansa a ribeira,  
Entre as sebes do cercado  
Florido de trepadeira

E lá embaixo, na clareira,  
Um pegureiro apressado  
Atiça o lume á fogueira.

## A Rôla

--AO DR. ANTENOR G. DE SOUZA--

Era em flôr essa tarde: a natureza  
Enfeitada de galas primorosas  
O seu manto de côres radiosas  
Estendia d'altura na grandeza.

Pela terra, se ábrindo perfumosas,  
As agrestês honinas na deveza  
Offreciam de aroma e de pureza  
As corollas ás auras pressurosas.

Volteando, por entre a ramaria,  
Nos cipós que oscillavam no caminho  
Ella trillava meiga symphonia;

A espera que de volta da jornada  
Regressasse, o esposo ao doce ninho  
Co sustento da prole idolatrada.

## Depois das brumas

Adelgaçam-se as brumas no nascente  
E—aurora—a operaria infatigavel,  
A' turma dos obreiros incansavel  
Vem as portas abrir do oriente.

Surge então a manhã alvinjtente,  
Logo apoz surgê o dia confortavel  
E do sol a centelha inimitavel,  
Sê desloca do disco incandescente.

Começa a laboriosa natureza  
Nas lides do trabalho peregrino,  
Desde os céos acs abysmos mais profundos;

Té que a tarde despida da belleza  
Cêda á noite o sudario vespertino,  
Precursor do descanso em todo o mundo.

## Bosquejo

Enche o fundo do quadro o céu turqueza;  
E quem, pela água azul do rio,  
Desfralda as pandas velas o navio  
Deslizando subtil na correnteza.

Do sol, um debil raio, quasi frio,  
Doira a vaga com lucida belleza;  
Em demanda da praia, com presteza,  
Um bando de barquinhos corre a fio.

Do chalet pittoresco que se avista  
Lá na sombra do parque ramalhado,  
Alguem abre uma gothica janella;

E o vulto magestoso d'um artista,  
Assoma por detraz do cortinado,  
Pintando o panorama — a aquarella —

## Saudação a Maio

Surge alegre a manhã e no oriente  
O semblante irisado e luminoso,  
Se projecta do dia, radioso,  
Entre as rosas sanefas do nascente.

No seu carro de lumes, refulgente,  
Se assenta—magnata—o sol formoso,  
Nas plagas de crystal, vai orgulhoso  
Sacudir a centelha incandescente.

Em grandes caravanas, p'ras florestas,  
Lá vão as aldeãs muito apressadas  
Em procura de murtas e giestas:

Que Maio já regressa das jornadas  
Trazendo-lhes no seio: riso e festas;  
Formosas noites, doces alvoradas.

## A' Chiquinha Coqueiro

---UMA SAUDADE SOBRE O SEU TUMULO---

Fugiste, nas manhãs da primavera,  
Como o sonho, a fugir' co' a madrugada,  
— Avesinha do Céu, ao Céu tornada,  
Se librando invisível pela esphera.

Iludio-te, do NADA,—uma chimera—  
A alma—nívea flôr—immaculada,  
E, com ella, ao surgir d'outra alvórada,  
Fugiste, nas manhãs da primavera.

Pintou-te a febril mente, allucinada,  
Um mundo, colorido de fulgores,  
Além d'azul planície constellada:

E TU foste, brincando pela estrada,  
A sorrir, a cantar, colhendo as flôres  
Com que os ANJOS teceram-te a grinalda.

*Homenagem*





## Coelho Netto

---A' EXMA. SRA. DONA M. G. C. NETTO---

Agua altiva rufflando louras azas,  
Pelos mundos ideaes da Phantasia,  
Em vôo de condor;  
Genio immortal que foi, na Poesia.  
Molhar a maga penna que escreveu  
O teu Inverno em Flôr.

Do Rajah mavioso,—uma Epopea,—  
Fizeste, cambiando colloridos  
Na mente collossal!  
Apollo da sciencia, onde, atrevidos,  
Alaste os pensamentos que tocaram,  
Os céos do Ideal? !...

Feliz burilador, teu cranco—Artista,—  
Concebe a creação meiga ou ousada  
Que a alma nos seduz:  
A Historia, tua FAMA auréolada,  
Ha de gravar em pergaminhos d'ouro,  
Com o cinzel da Luz.

Eu venho em TI saudar o Romancista  
Que soube honrar o nome Brasileiro  
Em todas as nações;  
E trazer-te ovações d'um povo inteiro  
Que depondó a teus pés virentes louros  
Te offerta os corações.

# INDICE

|                                 |    |                                        |     |
|---------------------------------|----|----------------------------------------|-----|
| Convite.....                    | 1  | Crepusculos.....                       | 62  |
| Phases.....                     | 3  | Beija-flôr.....                        | 64  |
| Natal de Carolina...            | 4  | Anhelos.....                           | 65  |
| Tres annos.....                 | 7  | Caridade.....                          | 66  |
| Neny.....                       | 8  | Pôrção.....                            | 67  |
| Fugitiva.....                   | 10 | Como eu te vi.....                     | 68  |
| Saudades.....                   | 11 | Lusco-fusco.....                       | 69  |
| Despertar da natu-<br>reza..... | 12 | Sobre as ondas.....                    | 70  |
| Vem.....                        | 13 | Seismando.....                         | 72  |
| Borboletas.....                 | 14 | Forasteira.....                        | 73  |
| Na floresta.....                | 15 | Obra prima.....                        | 74  |
| O que tu és.....                | 16 | Confia e espera.....                   | 76  |
| Desperta.....                   | 17 | O bando das borbo-<br>letas.....       | 78  |
| Barcarola.....                  | 18 | Desejos.....                           | 79  |
| A mendiga.....                  | 19 | O adereço.....                         | 80  |
| Sempre a Ti.....                | 21 | Engano.....                            | 81  |
| Prece.....                      | 22 | Dois astros.....                       | 82  |
| Plectros.....                   | 23 | Liberdade.....                         | 83  |
| Sonhando.....                   | 24 | Pedido.....                            | 84  |
| As tres irmãs.....              | 25 | Si eu pudesse.....                     | 85  |
| Teus olhos.....                 | 26 | No album de Haydea.....                | 86  |
| Estações.....                   | 27 | Sonhos.....                            | 87  |
| Dadá Souza.....                 | 30 | Colloquio.....                         | 88  |
| Que sonhos?.....                | 31 | Julinha.....                           | 89  |
| Recuerdo.....                   | 32 | Quadro.....                            | 90  |
| A Fé.....                       | 33 | Inconstante.....                       | 92  |
| Desilludida.....                | 34 | N'um album.....                        | 93  |
| Tableaux.....                   | 35 | Antes e depois.....                    | 94  |
| Já viste?.....                  | 37 | Incerteza.....                         | 95  |
| Um sonho.....                   | 38 | Naufrago.....                          | 96  |
| A Noiva.....                    | 40 | Volta da primavera.....                | 97  |
| Queixumes.....                  | 41 | Phantasia.....                         | 98  |
| Angelus.....                    | 42 | Melancholia.....                       | 100 |
| Primavera.....                  | 43 | A gentil Zezé.....                     | 101 |
| Meu sonho.....                  | 44 | Bôas vindas.....                       | 102 |
| Triolêts.....                   | 46 | Emigradas.....                         | 103 |
| A Pobresinha.....               | 47 | <b>Corbeille de So-<br/>netos.....</b> | 105 |
| Epochas.....                    | 48 | Os sonhos.....                         | 106 |
| Canção de Abril.....            | 49 | Surgindo a aurora.....                 | 107 |
| Flôr mendiga.....               | 50 | Viageiras.....                         | 108 |
| Trillos.....                    | 51 | O Sol.....                             | 109 |
| Sonhei-te.....                  | 52 | Lua d'inverno.....                     | 110 |
| Contraste.....                  | 53 | Esboço.....                            | 111 |
| Gonçalves Dias.....             | 54 | Sombreado.....                         | 112 |
| Inverno.....                    | 55 | Meia noite.....                        | 113 |
| Illusões perdidas.....          | 56 | Echos de Abril.....                    | 114 |
| No paiz das flôres...           | 57 | Idyllo.....                            | 115 |
| Acrostico.....                  | 59 | Adejos.....                            | 116 |
| Sonho d'um coração.....         | 60 | Marinhas.....                          | 117 |
| Cançoneta.....                  | 61 |                                        |     |

|                                  |     |                                 |     |
|----------------------------------|-----|---------------------------------|-----|
| O casal de passari-<br>nhos..... | 118 | Em carnaval.....                | 130 |
| Fluctuando.....                  | 119 | Aquarella.....                  | 131 |
| Uma rosa.....                    | 120 | Apollo.....                     | 132 |
| Vacuo.....                       | 121 | Vesper.....                     | 133 |
| Parabens.....                    | 122 | A Crayon.....                   | 134 |
| Liberdade.....                   | 123 | A Rôla.....                     | 135 |
| Vamos.....                       | 124 | Depois das brumas..             | 136 |
| Ressurreição.....                | 125 | Bosquejo.....                   | 137 |
| No campo.....                    | 126 | Saudação a Maio....             | 138 |
| Ave-Marias.....                  | 127 | A' Chiquinha Coquei-<br>ro..... | 139 |
| Dias de sombra....               | 128 | <b>Homenagem</b> .....          | 141 |
| No monte.....                    | 129 | Coelho Netto.....               | 142 |



## Erratas

| Paginas | onde lê-se   | leia-se      |
|---------|--------------|--------------|
| 1       | torpe        | pura         |
| 21      | cantos       | santos       |
| 27      | fragancias   | fragancias   |
| 30      | «            | «            |
| 35      | condemnando  | condensando  |
| 52      | era tarde    | era de tarde |
| 59      | fragancia    | fragancia    |
| 61      | doce vento   | o vento      |
| 67      | são carinhos | só carinhos  |
| 82      | è astro      | ès astro     |
| 113     | viajar       | voejar       |